



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

ENIR PEREIRA GONÇALVES

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS DOS EDUCANDOS DA EJA NO
MUNICÍPIO DE CARINHANHA-BA NA VISÃO DOS PROFESSORES**

CARINHANHA, 2014

ENIR PEREIRA GONÇALVES

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS DOS EDUCANDOS DA EJA NO
MUNICÍPIO DE CARINHANHA-BA NA VISÃO DOS PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção de título de
Licenciado em Pedagogia, à Comissão
Examinadora da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília.

CARINHANHA, 2014

GONÇALVES, Enir Pereira. Dificuldades de Aprendizagens dos Educandos da EJA no Município de Carinhanha na visão dos professores, Fevereiro de 2014. 74 Páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.
Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB-UAB

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS DOS EDUCANDOS DA EJA NO
MUNICÍPIO DE CARINHANHA-BA NA VISÃO DOS PROFESSORES**

ENIR PEREIRA GONÇALVES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção de título de
Licenciado em Pedagogia, à Comissão
Examinadora da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Rosângela Azevedo Corrêa (Orientadora)

Prof.Ms Maria Luiza Pinho Pereira (Examinadora)

Profa Dra Ana Polônia (Examinadora)

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo José Milton, por sua compreensão, força, companheirismo e amor e por acreditar, sem nunca desistir de mim.

Aos meus filhos Ítalo, Ítala e Ícaro, por me permitir viver e desfrutar esse lado doce e gostoso da vida que é ser mãe; por me permitir sentir esse amor puro, esse sentimento inexplicável e imensurável.

A minha mãe Darci e minha irmã Maria José, minha inspiração; por seu cuidado, dedicação, disposição e por sempre me apoiar incondicionalmente.

Ao meu querido pai (in memória), por seu amor e cuidado; por sempre investir e acreditar em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me iluminado, dando-me força e sabedoria. Ao meu pai Constâncio *in memória*; minha mãe Darci que sempre me deram força e me acompanharam no meu processo de formação; aos meus filhos Ítalo Diego, Ítala Daniele e Ícaro Daniel por compreenderem a necessidade da minha ausência e também pelo incentivo; ao meu marido José Milton pelo estímulo e compreensão. Aos meus irmãos Maria José, Livino, Manoel Carlos, Constâncio Filho, Ubirajara, Carmelúcia, meus sobrinhos e minhas cunhadas pelas palavras de estímulo. Em especial aos meus colegas Alex Dourado, Leandro Cerqueira, Jaqueline Pereira, Ione Martins. Agradecer também à Vani França, Margarete Belém, e Wesley Bruno que sempre me incentivaram.

Agradecer a Edilene, Jumária, Maria de Lourdes pelo incentivo. As minhas tutoras, Léia Cássia e Érica. Agradeço também a tutora Darlene, que não mediu esforços para me ajudar, demonstrando uma grande amizade. Em especial a Crésia, que além de tutora foi uma verdadeira amiga; me apoiando e dando incontáveis ajudas na minha vida acadêmica e também pessoal. A minha orientadora Rosângela Corrêa e a tutora de Projeto 5 fase 2 Fernanda Rachid por suas orientações, amizade e dedicação. Aos mestres que contribuíram para a minha formação. As professoras Maria Luiza Pinho Pereira e Ana Polônia por ter contribuído com os seus comentários na Banca.

À todos muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa trata-se sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) dos dois segmentos do Ensino Fundamental em três escolas - Escola Municipal Antônio Pereira da Silva, Escola Municipal Dindinha Jove e Escola Municipal José Braz Cavalcante - todas elas situadas na sede do município de Carinhanha-BA. O objetivo geral deste trabalho foi conhecer as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos educandos da EJA nas escolas a partir da visão dos professores, bem como identificar as estratégias de ensino utilizadas pelos professores para minimizar tais problemas. Trata-se de uma pesquisa de campo exploratória de abordagem qualitativa, realizada por meio de coleta de dados estatísticos nas escolas e entrevistas com os professores do ensino fundamental da EJA. Na fundamentação teórica nos baseamos nos autores Freire, Bueno, Souza e Cagliari que nos ajudaram a discorrer sobre a trajetória da EJA no Brasil, caracterizar o educador e o educando da EJA, explicar o processo de alfabetização e as dificuldades de aprendizagens na EJA. A partir da pesquisa foi possível perceber que as dificuldades dos educandos da EJA do município de Carinhanha se devem a vários fatores como a falta de acompanhamento pedagógico, pois nas escolas não possui um coordenador para acompanhar os professores dessa modalidade; falta de recursos didáticos pedagógicos; falta apoio da Secretaria Municipal de Educação e parceria com outras secretarias; falta formação continuada para os professores e a infraestrutura precária nas escolas. Como a EJA no município ainda é trabalhada como programa, os educandos dessa modalidade não são incluídos nos projetos escolares. Os educandos apresentam desmotivação para leitura e escrita, assim como, falta de tempo para as atividades extraclasse porque eles não têm tempo para estudar devido ao trabalho. Esse ponto nos chama atenção sobre a necessidade de pensarmos sobre a exploração da mão-de-obra a que jovens e adultos trabalhadores de camadas populares estão submetidos no mercado de trabalho no que diz respeito a cargas horárias extensas, à baixa remuneração e o esforço físico despendido que são condições que dificultam a permanência na escola.

Palavras Chaves: Educação de jovens e adultos, dificuldades de aprendizagem, alfabetização.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de matrículas, aprovados, reprovados, interrupções do processo escolar e educandos transferidos da Escola Municipal Antônio Pereira da Silva. _____ **48**

Tabela 2 - Porcentagens do total de educandos aprovados, reprovados, interrupções temporária do processo escolar e transferidos nos segmentos I e II do ano letivo de 2012 na Escola Municipal Antônio Pereira da Silva _____ **48**

Tabela 3 - Número de matrículas, aprovados, reprovados, interrupções do processo escolar, e educandos transferidos da Escola Municipal Dindinha Jove _____ **50**

Tabela 4 - Porcentagens do total de educandos aprovados, reprovados, interrupções temporária do processo escolar e transferidos nos segmentos I e II do ano letivo de 2012 na Escola Municipal Dindinha Jove _____ **51**

Tabela 5 - Número de matrículas, aprovados, reprovados, interrupções do processo escolar, e educandos transferidos da Escola Municipal José Braz Cavalcante ano letivo 2012 _____ **52**

Tabela 6 - Porcentagens do total de educandos aprovados, reprovados, interrupções temporária do processo escolar e transferidos no segmento I e II do ano letivo de 2012 da Escola Municipal José Braz Cavalcante _____ **53**

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 DIFICULDADES ENCONTRADAS NA PRÁTICA_____	54
QUADRO 02 RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS_____	56
QUADRO 03 MÉTODO DE ENSINO_____	58
QUADRO 04 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DOS EDUCANDOS_____	59
QUADRO 05 MOTIVOS DAS DIFICULDADES DOS EDUCANDOS_____	60
QUADRO 06 SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES_____	61
QUADRO 07 ESTRATÉGIAS PARA DIMINUIR / SANAR AS DIFICULDADES__	62
QUADRO 08 VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS _____	63
QUADRO 09 ALTERNATIVAS PARA ALCANÇAR OS OBJETIVOS DA EJA_____	64
QUADRO 10 RELACIONAMENTO COM OS EDUCANDOS_____	66

Sumário

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO	10
---	----

MEU NASCIMENTO	11
MINHA INFÂNCIA	11
MINHA ADOLESCÊNCIA.....	13
MINHA HISTÓRIA ESCOLAR COMEÇOU ASSIM... ..	13
MEU CASAMENTO	15
INÍCIO DA CARREIRA COMO PROFESSORA.....	15
A UnB EM MINHA VIDA.....	15
2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO	23
INTRODUÇÃO	24
METODOLOGIA.....	25
REFERENCIAL TEÓRICO	27
O EDUCADOR DA EJA.....	30
O EDUCANDO DA EJA.....	32
HISTÓRIA DA EJA NO BRASIL	34
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS EDUCANDOS DA EJA	40
EJA EM CARINHANHA NA BAHIA	42
A SITUAÇÃO DAS ESCOLAS DE EJA EM CARINHANHA.....	47
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS EDUCANDOS DA EJA EM CARINHANHA	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
ANEXO.....	73
3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	74

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO

MEU NASCIMENTO

Nasci no dia 31 de maio de 1968 em Carinhanha-BA. Meus pais moravam na comunidade Quilombola de Barra do Parateca. Após um mês de nascida, voltamos para casa. A minha mãe me deu esse nome “Enir” em homenagem a uma professora que ela teve. Sou filha de Constâncio Ferreira Gonçalves e de dona Darci Pereira Gonçalves. Meu pai era um agricultor rural, comerciante, também entrou no mundo da política e foi vereador. Minha mãe, uma excelente costureira que também trabalhava na sua própria loja onde confeccionava várias roupas. Lembro-me muito bem dos lindos vestidos de noiva que ela costurava. Entregava à noiva o vestido com a grinalda e também o buquê. Eu sou a 4ª dos oito irmãos, sendo que o primeiro faleceu com sete dias de nascido e dentre estes tenho uma irmã adotiva.

MINHA INFÂNCIA

A minha infância foi maravilhosa, pois onde eu morava era um lugar sossegado que podíamos brincar a vontade. Lá, eu tinha toda a natureza e o tempo livre para brincar. Meus pais sempre me deixaram livre para aproveitar a minha infância. Lembro-me que o quintal da minha casa era enorme, cheio de árvores frutíferas como: mangueira, umbuzeiro, laranjeira, pinheira. Para minha satisfação minha casa era fundo com fundo à casa dos meus avós maternos assim, passávamos de um quintal para o outro facilmente. No quintal dos meus avós também havia várias árvores frutíferas como limoeiro, pinheira, parreira, laranjeira, dois pés de seriguela e um enorme pé de tamarindo onde fazíamos os piqueniques, batizado de boneca e até os nossos aniversários que nós mesmos festejávamos com a ajuda da nossa querida avó materna. Ela adorava brincar com a gente. Na mangueira era armada a gangorra.

Eu brincava com meus irmãos e amigos e subia nas árvores, tomava banho de chuva, lavava roupinhas das bonecas nas lagoas, andava de bicicleta, brincava de vários jogos como maiê, macaco e giribita. Pulava corda, brincava de circo e tomava banho em uma enorme lagoa com o nome de “Sincapão”.

Eu tive um trauma muito grande com gado porque um certo dia, um boi encaretado entrou na loja da minha mãe, eu estava junto do meu pai e levei um susto muito grande, então, todas às vezes que eu voltava do Sincapão, lagoa que eu tomava banho, o meu primo Cloves, que sabia desse fato, me amedrontava muito, dizendo que nessa roça que a gente passava, tinha uma vaca muito brava e que se chamava “Chifrina”; eu danava a chorar de tanto medo que eu ficava.

A minha irmã mais velha não brincava comigo e nem com os outros irmãos, acho que era por ser criada por nossa avó. Ela só gostava de brincar sozinha e isso me incomodava. Para chamar a sua atenção, eu convidava um dos meus irmãos para pegar os seus brinquedos e correr. Quando ela notava a falta dos brinquedos, ela chorava e a minha avó como sempre, corria atrás de mim e do meu irmão e tomava os brinquedos. Eu adorava ver a minha avó correndo atrás de mim e do meu irmão!

Aos sete anos de idade mudamos para a cidade de Carinhanha. Aqui conheci várias amigas e em especial a minha amiga Ione. Morávamos na mesma rua e éramos colegas de sala de aula. A gente brincava de muitas brincadeiras como princesas, casamento e batizado de boneca, mas a brincadeira que eu mais gostava era do jogo da argola que nós mesmos confeccionávamos com pilha, arame de caderno e papel de cigarro.

Na verdade, o meu coração tinha ficado em Barra do Parateca, pois eu tinha uma verdadeira paixão por aquele lugar, acho que pelo fato do restante da minha família ainda morar lá. A minha maior alegria era quando chegavam os feriados e as férias para ir para lá. A alegria era tanta que um dia antes da viagem, eu já nem dormia com aquela ansiedade enorme de retornar aquele lugar e no dia de voltar para a Carinhanha, eu chegava chorar.

Afirmo que fui muito feliz na minha infância, pois nessa fase, eu passei junto aos meus pais, avós materno e paterno, tios, tias e primos.

MINHA ADOLESCÊNCIA

Essa não foi uma fase muito boa da minha vida, pois aos 14 anos de idade perdi uma das pessoas que mais amei, o meu querido pai. Até hoje choro à sua falta, inclusive estou chorando agora. Esse momento foi muito difícil para todos nós da família. Ele nos deixou muito cedo, pois só tinha 39 anos de idade e deixou o meu irmão caçula com sete anos. Ele era o nosso paizão, carinhoso, bondoso, enfim era tudo de bom. Com a morte do meu pai, a minha mãe ficou muito doente, pois eles planejavam “curtir” a velhice juntos. O que ele mais queria na vida era curtir os netos, mas infelizmente não deixou nem um dos filhos casado. Ele falava sempre que ia mandar a gente estudar em Salvador, pois o sonho dele era ver os filhos cursando uma faculdade.

Após dez meses da morte do meu pai, perdi outra pessoa querida, meu avô materno. Foi outro baque para nós, pois era ele que estava cuidando da gente.

Com a morte do meu avô, tudo ficou mais difícil, mas graças a Deus a minha mãe já estava bem melhor de saúde. Minha avó veio morar conosco, meu irmão de 16 anos foi cuidar da fazenda junto com o vaqueiro que era meu tio. Com o tempo tudo foi se organizando.

MINHA HISTÓRIA ESCOLAR COMEÇOU ASSIM...

Iniciei a minha vida escolar de uma forma diferente. Como fui uma criança curiosa e insistente, insisti em acompanhar a professora Lurdinha que morava na casa da minha família na zona rural e trabalhava com o MOBREAL. O MOBREAL foi um projeto do governo brasileiro que propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, orientando-os para a aquisição de técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-los em sua comunidade, permitindo melhores condições de vida.

A professora aceitou, pensando que eu não iria gostar e desistiria, porém, isto não aconteceu. Por ela ser uma professora carismática e alegre me empolgou a gostar de frequentar a escola, até mais que os próprios educandos e acabei estudando o ano todo, para surpresa da professora. Eu era uma aluna assídua e, aprendi tudo que ela me ensinou. Nessa época, eu tinha 5 anos de idade.

Aos seis anos entrei na escola pública e passei a estudar com uma professora leiga, por nome Adorê. Uma professora comprometida com o ensino. Antes do meio do ano essa professora nos deixou e fomos estudar com uma professora formada que nos deixava presos na sala e ia jogar baralho em uma casa que ficava no fundo da escola. Essa foi a professora que me fez ter pavor da matemática, pois ela ensinava essa disciplina fazendo uso da “sabatina”. Ela organizava a turma em círculo e ia perguntando a tabuada; aquele que não acertava e o seu colega do lado acertava, ela mandava o que acertava bater no outro e se batesse devagar, ela tomava a palmatória e batia com bastante força no que bateu devagar. Isso para mim era um verdadeiro martírio! Aos sete anos mudei para cidade Carinhanha e estudei a 1ª e 2ª série em uma escola particular com uma professora que a exemplo da minha primeira, também era leiga, chamava-se Carmen, Dona Carmen, o polo da UAB/UnB de Carinhanha leva o seu nome.

Dona Carmen era uma professora “carrasca”, mas muito respeitada pela comunidade. A turma era multisseriada, ou seja, turmas em que educandos de idades e níveis educacionais diversos são instruídos pelo mesmo professor. O educando que não aprendesse com ela, podia ter a certeza que não aprenderia com mais ninguém. Foi o caso da minha irmã adotiva que nem com os “bolos de palmatória” e os puxões de orelha que Dona Carmen dava ela conseguiu aprender. Infelizmente, naquela época, os meus pais não tinha a quem recorrer e achavam mesmo que era falta de inteligência.

Aos nove anos fui transferida para a Escola Estadual Coronel João Duque onde estudei a 3ª e 4ª série com a professora Odália. Lá foi muito prazeroso, a professora era muito paciente e nos ensinava muito bem. No ano seguinte fui transferida para outra escola particular, Educandário São José, atualmente o Polo Educacional Dona Carmen. Lá, conclui a 5ª série até a 8ª série e o magistério. Nessa escola, conheci novos colegas e vários professores. Tive uma professora muito especial chamada Vera Olívia, uma professora compreensiva, dinâmica e presente na formação da minha cidadania, levando pra sala de aula valores que até hoje carrego comigo; a disciplina dela era Educação Moral e Cívica. Também houve outros bons e compreensivos professores que me deixaram boas marcas como o professor de Geografia, José Bráz, um professor extrovertido e suas aulas eram animadas, levando todos os educandos a participarem e também a professora de

Educação Física, Maria Helena, veio de uma cidade litorânea, mais desenvolvida que a nossa. Era uma professora a frente do seu tempo. Procurava ser amiga dos educandos, tratando-os como amigos e ao mesmo tempo impondo respeito mútuo. Ela inovou as aulas de Educação Física, fazendo com que todos os educandos tivessem uma nova visão da disciplina.

MEU CASAMENTO

Casei no dia 1º de maio de 1989 e no dia 1º de novembro ganhei o meu primeiro filho, Italo Diego, que hoje está com 22 anos e está cursando Administração Pública pela UNEB. Como eu não pretendia ter mais filhos, só fui arrumar outro filho após oito anos e por cobrança de Italo, pois ele queria uma irmãzinha. Aí, tive uma linda menina que é Ítala Daniele, nome sugerido pelo irmão; hoje ela tem 14 anos e está cursando o 1º ano do ensino médio. Achei que não ia mais ter filhos, porém, após seis anos engravidei do meu caçulinha, o Ícaro Daniel, que está com 7 anos de idade e está no 2º ano das séries iniciais. Com todo esse privilégio que Deus me deu de ter os meus lindos filhos, como mãe estou realizada.

INÍCIO DA CARREIRA COMO PROFESSORA

Comecei a exercer a minha função de educadora como contratada em 1991 na zona rural do município de Barra do Parateca, onde eu morei ao longo da minha infância. Lá trabalhei com multissérie nos turnos matutino e vespertino. Para mim foi uma experiência muito boa, pois o meu sonho era mesmo ser professora e também ter o meu primeiro trabalho na comunidade onde morei quando criança, isso para mim foi muito gratificante. Em 1993 fui contratada para trabalhar em Carinhanha.

Em 1995 prestei concurso público para professor, passei e continuei trabalhando na Escola Municipal Antônio Pereira da Silva onde atuo como professora até hoje.

A UnB EM MINHA VIDA

Em 2007 quando surgiu o vestibular da UnB, eu estava muito desanimada em concorrer a uma vaga, pois eu me sentia despreparada, comparando-me com várias

professoras que estavam frequentando cursinho há muito tempo. Falei que não ia fazer a inscrição, mas meu esposo pegou os meus documentos e fez.

Recebi o resultado da prova na véspera de fazer uma cirurgia. A minha irmã me ligou, mas a “ficha só caiu” que era verdade, quando ela me ligou novamente, me pedindo uma procuração para fazer a minha matrícula, pois o prazo final eu ainda estava internada e o hospital ficava em outra cidade.

A minha entrada na UnB foi muito difícil, tinha 7 dias que eu tinha feito a cirurgia e para completar, eu não tinha nem ideia de como lidar com o computador. Comecei a fazer um curso básico de digitação. Saia de casa às 17h e de lá mesmo eu ia às 19h para o polo onde eu ficava até às 22 horas. Nesse período eu precisei de alguém para me levar, tanto para o curso quanto para o polo.

No início do primeiro semestre, fiquei um pouco perdida, mas com o passar do tempo fui me adaptando ao curso, o novo às vezes me apavora, em compensação, o desafio me atrai bastante. Como diz Clarice Lispector: “Tenho medos bobos e coragens absurdas”.

Como o meu esposo é caminhoneiro, ele quase não ficava em casa, a minha mãe saía da sua residência e vinha ficar com os meus filhos. Após um mês da cirurgia, a minha mãe já não vinha pra minha casa todos os dias, com isso eu tinha que deixar o meu filho de 17 anos olhando o meu filho de 3 anos e eu levava a minha filha de 9 anos de idade comigo; nós tínhamos que atravessar a cidade para chegar ao polo e eu fazia esse percurso todas as noites. Sem contar que eu não tinha final de semana e muito menos feriado, pois era justamente nesses dias que eu e meus colegas de grupo tínhamos que colocar as atividades em dia. Então, pedíamos a chave do polo pra coordenadora, ao meio-dia um saía pra comprar almoço, ou às vezes, lanche e só retornávamos pra casa à noite. Muitas vezes me doía não ficar com os meus filhos nos finais de semana e não acompanhá-los na vida escolar. Não conto as vezes que o meu filho Icaro me perguntou: mainha, quando a senhora vai terminar essa faculdade e ficar comigo? Eu sempre respondia: Logo eu serei só de vocês. Outra vez, ele me falou: mainha, os meus coleguinhas me falaram que eu tenho sorte por ser filho de professora, que a senhora sabe me ensinar e eu respondi: Sorte quem tem é vocês, que suas mães ficam com vocês o dia e a noite, a minha mãe trabalha e estuda, aí eu quase não vejo ela. Esse dia, eu

chorei tanto, como orei pedindo a Deus para me dar forças para terminar os meus estudos, para poder ter mais tempo pra os meus filhos. Pra mim que trabalho e faço todos os afazeres de casa é difícil estudar, o cansaço é muito grande. Se eu não fosse tão persistente, acho que já teria desistido, porque passei por muitos e muitos problemas na minha vida durante esse trajeto.

Na verdade, não tive nenhuma facilidade durante o percurso pela faculdade, inclusive, no final de 2009, especificamente no natal, passei uma dificuldade muito grande no meu casamento, descobri que o meu marido tinha outra mulher em um dos lugares que ele mais viajava. Fiquei totalmente sem chão, muito revoltada, até quis me separar. Sem querer tirar a culpa da traição do meu esposo, acho que às vezes, faltei com o meu compromisso de esposa, sendo que os dias que era pra eu ficar com ele e os meus filhos em casa, eu estava adiantando as minhas atividades da faculdade. No entanto, essa data não me traz boas recordações.

No semestre passado seria a minha conclusão do curso. Porém, no período da construção da minha monografia passei por outro problema mais difícil, descobri que a minha filha estava com um problema muito grave de visão e não tínhamos condições financeiras para arcar com as cirurgias, que era nos dois olhos. Como, ela estava em fase de crescimento, o problema também estava aumentando e, essa cirurgia teria que ser feita o mais rápido possível. Graças à Deus, meus colegas de faculdade juntaram com o Sindicato dos servidores públicos e fizeram um bingo para me ajudar. Após as cirurgias, eu tinha que ficar praticamente a noite toda acordada, pra que ela não dormisse do lado do olho que tinha feito a cirurgia e nem coçasse. As noites que o meu marido estava em casa, a gente revezava. No dia seguinte, eu chegava no meu trabalho cochilando e toda trêmula pois, sou hipertensa. Ainda assim consegui concluir a minha monografia, mas não fui pra banca porque a minha orientadora não fez as correções, mas tinha me dado esperanças pois, chegou a marcar a minha defesa para os primeiros dias de abril. Só, que depois, ela alegou que eu não iria à banca por eu não ter chegado ao número de acesso estipulado que seriam 90 vezes.

A minha maior tristeza foi ver os meus colegas que sentavam junto comigo, que estudaram vários finais de semana comigo, concluindo o curso e, por ironia do destino a formatura ter sido no dia do meu aniversário. Chorei muito, mas ergui a

cabeça e estou tentado novamente, acreditando que eu vou conseguir. Sei que essa é mais uma das lutas que vou passar durante a minha vida.

As disciplinas que mais favoreceram para a minha aprendizagem foram: Educação Ambiental, essa veio para enriquecer meus conhecimentos, sobre os princípios para a Educação Ambiental, como por exemplo: Considerar o meio ambiente em sua totalidade: em seus aspectos natural, tecnológico, social, econômico, político, histórico, cultural, técnico, moral, ético e estético; Ajudar os educandos a descobrirem os sintomas e as causas reais dos problemas ambientais.

Não posso deixar de relatar do I Seminário Educação Ambiental em Carinhanha coordenado pela professora Rosângela, no auditório da Câmara de Vereadores, que foi de grande importância, proveitoso e bastante esclarecedor. Notei que o meio ambiente é sempre suporte de todos os modelos de desenvolvimento estabelecidos ao longo do processo de ocupação humana dos espaços, provocando impactos e uma crescente degradação da terra e, conseqüentemente, uma considerável perda da qualidade de vida pelas populações.

Outra disciplina que veio para enriquecer meus conhecimentos foi Língua Materna a partir da mesma compreendi que a linguagem por sua vez é um instrumento de poder responsável pela construção humana. E escrever e falar corretamente são passos essenciais no desenvolvimento da nossa aprendizagem. Enfatizo ainda Introdução a Classe Hospitalar e Educando com Necessidades Especiais. Compreendi que a Legislação brasileira reconhece o direito de crianças e jovens hospitalizadas ao atendimento pedagógico-educacional, durante seu período de internação e que na inclusão é a escola que abre os braços para acolher todos os educandos. Na escola inclusiva não há mais a divisão entre ensino especial e ensino regular, o ensino é o mesmo para todos, respeitando as particularidades, as diferenças. Tratando-se de um ensino participativo, solidário e acolhedor.

A disciplina Orientação Vocacional me proporcionou um aprendizado significativo, pois aborda conceitos inerentes sobre as teorias que nos ajuda e influenciam em nossas escolhas vocacionais e profissionais que realizamos em nossas vidas. Escolarização de Surdos e Mudos, com esta disciplina adquiri conceitos relevantes sobre as várias barreiras que os surdos enfrentam para sua inclusão na sociedade, pois muitas escolas não estão preparadas para lidar com as

necessidades dessa comunidade, uma vez que muitas instituições ainda negam as pessoas surdas o acesso ao conhecimento devido a falta de intérpretes.

A disciplina Literatura e Educação foi essencial para o meu aprendizado em relação à literatura infantil, pois me proporcionou um precioso conhecimento a cerca da importância do ensino da literatura tanto na vida adulta como na infância.

Perspectivas do Desenvolvimento Humano, essa foi de grande relevância para minha formação pedagógica, pois aborda as fases do desenvolvimento e aprendizagem humana. Educação e Trabalho me proporcionou compreender que o trabalho sempre foi o principal fator que organizou a sociedade, e a educação um processo de construção pessoal e social que se dá na interação com o cotidiano, nas relações que o homem estabelece com a natureza, a sociedade e suas estruturas políticas, sociais e econômicas.

A disciplina Educação de Jovens e Adultos me proporcionou um aprendizado significativo, pois me permitiu contribuir na formação de jovens, adultos e idosos iniciarem ou retornarem seus estudos, desenvolver suas habilidades e competências de modo que eles sejam capazes de se tornarem cidadãos críticos e democráticos. Esta disciplina também contribuiu para a reflexão sobre a educação de adultos no município de Carinhanha o que me levou a realizar o trabalho de conclusão de curso.

Com a disciplina de Fundamentos da Linguagem Musical percebi que a música está presente em nosso cotidiano, sendo um meio de expressão de ideias e sentimentos. A música desde muito cedo adquire grande importância na vida de uma criança, permitindo o desenvolvimento de aspectos de sua percepção auditiva. Assim sendo, se torna um instrumento pedagógico de fundamental importância no contexto educacional pelo fato de contribuir para a formação integral do indivíduo.

Os conteúdos da disciplina Processo de Alfabetização me ajudou a desenvolver melhor o trabalho pedagógico, uma vez que o seu objetivo é discutir a alfabetização como um processo e não como um momento de ensino-aprendizagem, visto que o educando precisa ser alfabetizado de forma que ele possa se sentir atraído e fazer descobertas de significados que possibilite a refletir sobre a sua aprendizagem.

Sociologia da Educação me fez entender que o ser humano desenvolveu ideias, valores e crenças sobre o seu modo de vida. As pessoas não só trabalham como também refletem e representam o mundo em que vivem. Esse fato faz com que o ser humano se preocupe em transmitir suas experiências cotidianas a seus semelhantes.

A disciplina Cultura Organizacional me fez compreender que as várias definições de cultura escolar estão devidamente documentadas fora da pedagogia, por três áreas do conhecimento: Gestão, Antropologia e Sociologia; a organização escolar tem um papel significativo na gestão e também no clima social da escola.

A disciplina Projeto 4 Fase 1 e 2 foi de grande relevância para minha formação pedagógica, pois o estágio supervisionado possibilitou-me uma experiência na qual pude vivenciar momentos de persistência, de novos aprendizados, de novos conhecimentos, com os quais se pode “crescer” e perceber o quanto podemos aprender com o outro, como a troca se faz necessária durante o nosso dia-a-dia. Para mim os momentos vividos em sala de aula, como estagiária, foram mágicos. Acredito que lecionar e aprender são uma constante, uma realidade de estágio, e ao que se parece de toda carreira docente. Considero ter atingido todos os objetivos com o estágio, inclusive tendo adquirido grande aprendizado, tanto com os acertos quanto com os erros.

A disciplina Educação a Distância foi de suma importância, pois ela abre caminhos para milhões de pessoas que por muitos motivos, não podiam frequentar um estabelecimento de ensino presencial continuamente. Ela me proporcionou a criar um Blog enfatizando a temática da EAD, isso foi muito gratificante.

A disciplina Oficina de Formação do Professor Leitor me fez progredir e amadurecer na minha condição de leitor. Através da mesma, tive ainda mais certeza que ler é interpretar o mundo em que vivemos. É ao mesmo tempo, uma atividade ampla e livre, pois sabemos que no contato de um leitor com um texto estão envolvidas questões culturais, políticas, históricas e sociais presentes nas várias formas de tradição. Um professor que visa a formação de leitores é aquele que tem consciência do que lê, por que lê e para que lê, é aquele que tem um vocabulário razoavelmente amplo, enfim é um professor leitor e não ledor. Com certeza houve um crescimento no meu interesse pela poesia, a partir dos espaços poéticos, pois

aumentou mais ainda o meu desejo em ler poesias, conhecer novos poetas. A disciplina me proporcionou bastante conhecimento, através de tudo que foi visto.

A disciplina Educação das Relações Étnicas Raciais me fez entender que a promoção de políticas públicas para o alcance das metas de educação para todos implica a garantia de igualdade de direitos e valorização da diversidade, afirmando o direito dos negros a uma educação de qualidade que implemente mecanismos de superação das desigualdades impostas aos negros. E a Psicologia Social na Educação, me fez perceber que ela visa o comportamento de indivíduos no que tange suas influências sociais, ainda assim buscando o que nos caracteriza como espécie dentro de certas condições.

Estudar Antropologia e Educação com a professora Rosângela foi muito gratificante, aprendi bastante a valorizar as minhas raízes porque eu percebi que o povo brasileiro é pluriétnico e multicultural.

Estudar as disciplinas matemática I e II com a professora Cília foi fundamental, pois me tirou aquele pavor que eu tinha pela disciplina. Percebi como é fácil aprender e também ensinar Matemática.

Para mim todas as disciplinas foram importantes, pois teve da minha parte um entendimento melhor aflorando novas ideias, fortificando de maneira muito significativa o meu futuro profissional. Além disso, foi gratificante o meu contato com vários professores, todos fizeram a diferença em minha caminhada acadêmica, pois nos orientou, observando o nosso desenvolvimento, motivando-nos e incentivando.

A faculdade significou muito pra mim, foi através dela que conquistei a amizade de várias pessoas, principalmente aquelas do meu grupo de estudo onde tive oportunidade de realizar vários trabalhos juntos e aprender bastante. Analisando meu aprendizado do curso de pedagogia, vejo que cresci em conhecimentos, na interação, produção e participação na educação.

A minha experiência em fazer o TCC não foi nada fácil, mas me levou a um crescimento intelectual, sobretudo pessoal, de suma importância para a minha profissão e minha contribuição na escola, na vida dos educandos, conseqüentemente, na sociedade da qual eu faço parte como educadora e formadora de opinião.

Vejo que cursar uma faculdade não é fácil, mas faz a gente raciocinar e criar novos conceitos sobre a educação como um todo e sobre a nossa educação também. A faculdade nos abre espaços que muitas vezes em toda a caminhada da escola não nos foram propostas.

São sentimentos de um sonho realizado!

2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO

INTRODUÇÃO

No Brasil a Educação de jovens e adultos (EJA) passou a ser direito de todos a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988. Em 1996 a EJA tornou-se uma modalidade de ensino, perpassando todos os níveis da Educação Básica do país através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, LDB, artigo 37). Essa modalidade é destinada as pessoas com 15 anos ou mais, jovens, adultos e idosos, que não deram continuidade em seus estudos e para aqueles que não tiveram o acesso ao Ensino Fundamental e/ou Médio na idade apropriada.

Em nossa pesquisa queremos responder as seguintes questões: Quais são as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos educandos da EJA do município de Carinhanha na visão de professores? Como os professores trabalham essas dificuldades? Quais os recursos metodológicos estão sendo oferecidos em sala de aula? Qual a relação entre a dificuldade de aprendizagem e o insucesso na EJA? O que leva à interrupção temporária do processo de formação escolar na EJA?

O objetivo geral deste trabalho foi conhecer as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos educandos da EJA nas escolas da sede do município de Carinhanha-Bahia, bem como identificar as estratégias de ensino utilizadas pelos professores para minimizar tais problemas. Os objetivos específicos foram: identificar as dificuldades de aprendizagem que os educandos da EJA; analisar a forma como o professor lida com as dificuldades encontradas pelos educandos da EJA durante o processo de ensino-aprendizagem.

A partir dos resultados da pesquisa esperamos possibilitar a reflexão sobre o cenário da EJA no município e também o repensar pedagógico para evitar a interrupção temporária do processo de formação escolar como consequência da dificuldade de aprendizagem do educando da EJA.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo de pesquisa está fundamentada na abordagem qualitativa, a qual compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significado, tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social. Menga Ludke e André (1986, p.11) definem que:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Segundo os dois autores, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de através do trabalho intensivo de campo.

Realizamos um estudo exploratório sobre a situação da EJA no município através de um levantamento de dados sobre o número de escolas, educandos e professores dessa modalidade de ensino. Para obter a coleta de dados para o presente estudo, algumas informações foram obtidas por meio da Secretaria de Educação que nos informou quais as escolas na sede do município está funcionando a EJA atualmente.

São vinte e três escolas atendidas pela EJA em todo município, como configurava um número muito grande de escolas para um tempo insuficiente para a presente pesquisa, nós escolhemos três escolas por estarem na sede do município aonde foi realizada a pesquisa. As escolas pesquisadas foram: Escola municipal Antônio Pereira da Silva, Escola Municipal Dindinha Jove e Escola Municipal José Braz Cavalcante, todas elas situadas na sede do município. Cada uma apresenta características distintas, pois atendem públicos diferentes, o que nos ajudou a compreender aspectos importantes sobre as dificuldades de aprendizagem dos educandos na modalidade de educação de jovens e adultos de Carinhanha.

Em cada escola visitada colhemos dados com relação à quantidade de turmas em cada segmento da EJA, a quantidade de educandos e professores por segmento e o total de educandos matriculados no ano de 2012 e no ano de 2013. Revisamos as atas com os resultados finais para saber a quantidade de educandos aprovados, reprovados, transferidos e evadidos em cada segmento da EJA.

Foram feitas entrevistas com os professores a fim de identificar as causas das dificuldades de aprendizagens na alfabetização dos jovens e adultos. Em cada escola duas professoras responderam um roteiro de perguntas abertas, dando um total de seis professoras entrevistados. Tais perguntas tiveram a intenção de identificar a formação profissional dos professores envolvidos nesse estudo e compreender as ideias que os participantes possuem acerca das dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem. Nesse trabalho optamos pelo uso de pseudônimos, garantindo anonimato aos professores. Para isso utilizamos números para identificá-los.

Por conta do tempo para a realização da presente monografia foram entrevistados apenas dois professores de cada segmento I e II em cada escola, totalizando 06 professores. Os seis professores da EJA pesquisados possuem idades que variam entre 40 a 65 anos. Um possui graduação em Pedagogia, dois graduados em Letras, um em Matemática, um em História e um não possui graduação. A atuação desses profissionais na EJA varia de 1 a 3 anos. As seis professoras atuam na Educação de jovens e adultos nos seguintes segmentos:

Professor 1 – 45 anos. Trabalha com o segmento II da EJA (5ª e 6ª / 7ª e 8ª) há um ano.

Professor 2 – 50 anos. Trabalha com o segmento I da EJA (1ª a 4ª) há um ano.

Professor 3 – 48 anos. Trabalha com o segmento II da EJA (5ª e 6ª / 7ª e 8ª) há três anos.

Professor 4 – 40 anos. Trabalha com o segmento I da EJA (1ª a 4ª) há dois anos.

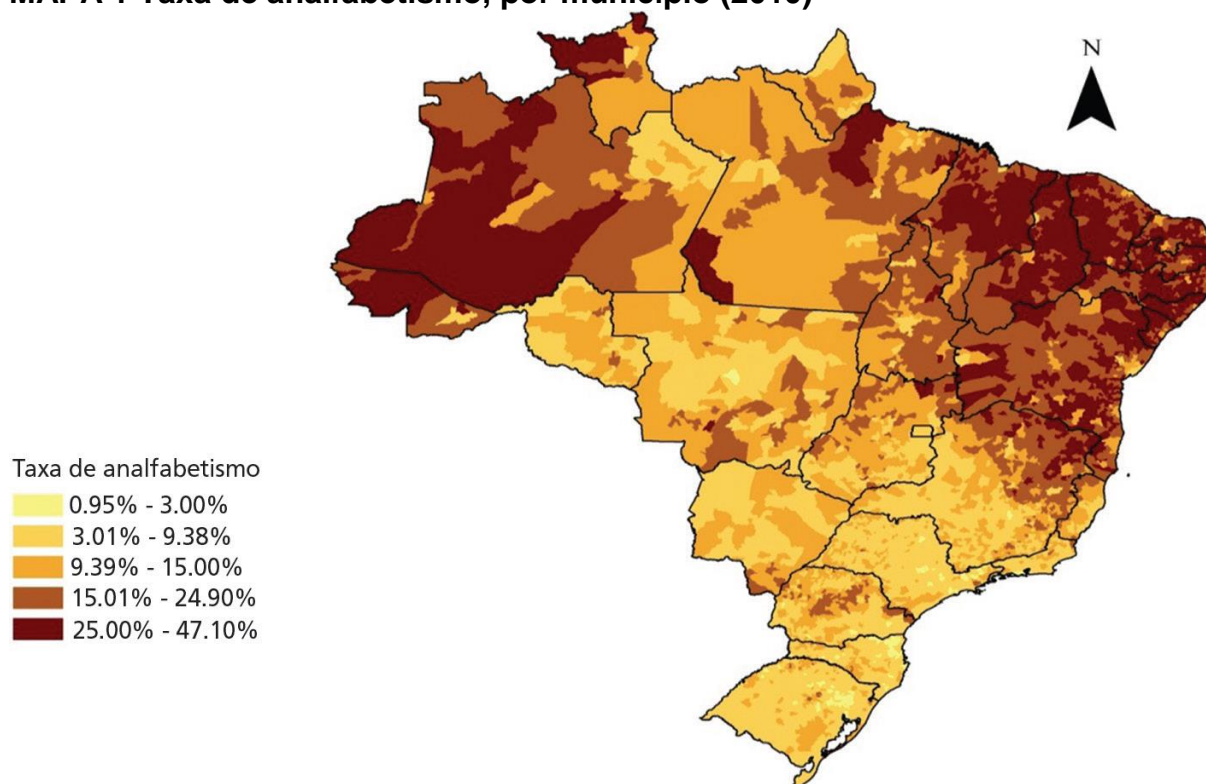
Professor 5 – 47 anos. Trabalha com o segmento II da EJA (5ª e 6ª / 7ª e 8ª) há dois anos.

Professor 6 – 65 anos. Trabalha com o segmento I da EJA (1ª a 4ª) há três anos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Dos 36 milhões de adultos analfabetos na América Latina, 38,5% são brasileiros. São cerca de 14 milhões de pessoas num país que abriga 34,2% da população latino-americana. O dado levantado entre 2005 e 2011 consta do relatório Educação Para Todos, divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) coletados em 2012 mostram que a taxa de analfabetismo da população com 15 anos ou mais teve leve alta entre 2011 e 2012, passando de 8,6% para 8,7%, longe de cumprir a meta firmada na ONU de 6,7% até 2015. A pesquisa apontou que o país tinha 13,2 milhões de habitantes não alfabetizados. A variação no número de iletrados se explica pela diferença entre as metodologias: enquanto a PNAD traz uma amostra de dados coletados em visitas trimestrais às casas dos brasileiros dentro de um ano, a UNESCO se baseia nos bancos de dados disponíveis entre 2005 e 2011.

Uma das principais explicações para a contradição entre o avanço na economia nacional e o baixo nível do ensino brasileiro está na estrutura da sociedade brasileira capitalista, na não aprovação do Plano Nacional de Educação 2010-2020 (PL 8035) como articulador do Sistema Nacional de Educação com a participação popular, a cooperação federativa e o regime de colaboração (tema da CONAE-2014) e na dificuldade de direcionar recursos e bons professores para as regiões mais necessitadas, como os Estados das regiões Norte e Nordeste como podemos ver no mapa abaixo.

MAPA 1 Taxa de analfabetismo, por município (2010)

Fonte: IBGE (2010). Elaboração: Ipea Mapas/Ipea

O analfabetismo funcional é entendido como a percentagem de indivíduos na população de 15 anos ou mais que possui escolaridade inferior a quatro anos, está em 20,7% no Brasil (IBGE, 2012). Esta porcentagem representa aproximadamente 30 milhões de brasileiros, o que é apenas uma parte do contingente potencial enorme de educandos para a EJA.

Cerca de 70% das pessoas não alfabetizadas têm renda de até um salário mínimo e 91% chegam ao máximo de dois salários mínimos. Portanto, baixa escolaridade e renda estão bastante associadas. Como se trata de jovens e adultos, aproximadamente dois terços dos analfabetos funcionais ainda estão em idade ativa, fica claro que a necessidade de trabalhar é algo imperioso na vida de grande parte destas pessoas. Logo, frequentar bancos escolares nestas condições, mesmo que em horários ou formatos alternativos, implica esforço adicional do alfabetizando que, via de regra, precisaria ser assistido por programas e ações de incentivo à sua permanência na escola, tais como auxílio para transporte, alimentação, livros, material escolar e eventualmente bolsas de estudo. Em relação à população rural, por sua vez, as dificuldades parecem estar mais no acesso à EJA, propriamente na

existência do serviço para atender esta população e nas adaptações que o EJA deve ter para atender este público (IPEA 2013).

Na concepção de Freire (1989), alfabetizar jovens e adultos é dar oportunidade para todos e não só para as crianças. Neste projeto, as concepções freireanas serão importantes, visto que Freire elaborou o chamado “método” de alfabetização de jovens e adultos, a partir do diálogo entre educador e educando, um ouvindo e respeitando o outro (Freire 2001, p. 53).

Ler e escrever são atividades que estão intimamente ligadas. Uma desencadeia a outra. Paulo Freire parte do princípio de que a leitura do mundo vem antes da leitura da palavra e porque há também uma espécie de sabedoria do fazer a leitura, que se obtém fazendo leitura. O autor assegura que a grande maioria dos filhos de trabalhadores traz leitura do seu mundo, o que cabe à escola ampliar a passagem da leitura desse mundo para a leitura da palavra (Freire 2003, p. 30).

A língua oral ou escrita consiste no principal instrumento de que um indivíduo dispõe para interagir com outras pessoas, obter e fornecer as mais variadas informações, ter acesso aos saberes historicamente acumulados pela humanidade, entre outras funções. Para Freire (1989) a alfabetização significativa envolve a construção de práticas pedagógicas que respondem as reais necessidades e características da população, valorizam a diversidade cultural e tomam a realidade existencial e social dos sujeitos como ponto de partida para a construção de uma nova ordem.

Portanto, escrever, ler, estudar e dedicar-se fazem parte desta trajetória, onde a soma de leitura, escrita e produção a partir de sua identidade, da sua história de vida e de suas experiências, de sua criatividade e criticidade resulta no crescimento e contribui para a formação pessoal e profissional. Para Freire antes mesmo de ser “alfabetizado”, o indivíduo já é capaz de “fazer leituras” do que acontece ao seu redor, de interpretar, olhar, entender gesto, acolhedor ou não. Paulo Freire refletiu sobre isso ao longo de sua obra, afirmando que antes de lermos palavras, lemos o mundo pois “se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos educandos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra” (Freire 1999, p. 30).

Como disse Freire “a alfabetização envolve mais que o conhecimento de métodos e técnicas” (1996, p.46), para este autor não é possível pensar uma proposta de educação sem refletir sobre o homem e a sociedade que se quer formar. Logo, para se discutir “como alfabetizar” é preciso refletir sobre “o que é alfabetizar”, “para quem”, “para que”, dentre outras questões. O educando necessita, não apenas, aprender métodos e técnicas, mas uma concepção de alfabetização, que se pressupõe uma concepção de homens e de sociedade.

Assim Freire aponta que “a concepção crítica da alfabetização não pode ser uma mera repetição mecânica de palavras, mas sim uma alfabetização que desenvolverá nos alfabetizandos a consciência de seus direitos, como também sua inserção crítica na realidade, onde são desafiados a perceber a significação profunda de linguagem e da palavra. Infelizmente nossos professores não estão preparados para atender esse público-alvo de educandos que estão cada vez mais exigentes em busca de conhecimentos que possam de certa forma estar melhorando seus conhecimentos para poder competir num mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente. Na abordagem freiriana, a alfabetização é uma realização dialético dos seres humanos com a linguagem e a ação transformadora (Freire, 2000).

O EDUCADOR DA EJA

O professor alfabetizador de uma classe de jovens e adultos precisa entender que esses educandos têm características próprias e que também acumulam muitas responsabilidades profissionais e domésticas. Por isso o educador de jovens e adultos tem que ter a capacidade de solidarizar-se com os educandos, com a disposição de enfrentar as dificuldades como desafios estimulantes com a esperança de todos aprenderem e ensinar. Souza (2007 p.82) afirma que:

A formação do professor da EJA necessita partir das experiências que os educandos trazem para as salas de aulas. A prática educativa, mesmo do sujeito em situação de estagiário, é impulsionadora da aprendizagem do futuro profissional da EJA nos processos de formação inicial e continuada.

Com essa postura certamente, o professor deverá conhecer seus educandos, suas experiências, sua cultura, as características e problemas de seu entorno e suas

necessidades de aprendizagem. Conhecendo cada vez melhor os conteúdos a serem ensinados, atualizando-se constantemente e refletindo sobre sua prática, buscando meios de aperfeiçoá-la, o professor terá condições de motivar melhor aos seus educandos.

O professor deve favorecer situações reais de comunicação que estimulem o desenvolvimento da oralidade dos educandos como: abrir espaço de conversa, onde os educandos relatam fatos que aconteceram no dia-a-dia; formular perguntas cujas respostas exijam do educando manifestação de opiniões ou compreensão do conteúdo estudado. Concordamos com Souza (2007 p.80) que:

Desse modo, a abordagem sociocultural do ensino pode fundamentar a concepção dialógica de alfabetização, em que os conteúdos são selecionados em função do sentido sociocultural que têm para os jovens e os adultos que frequentam a modalidade EJA. Há a preocupação com o desenvolvimento da conscientização política mediante o trabalho coletivo e a valorização da prática social dos sujeitos do processo educativo. Assim, alfabetização não deixa de ser a aquisição de um padrão convencional de escrita, leitura, ortografia etc., porém torna-se também, a busca pela interpretação dos conteúdos ideológicos que envolvem as palavras e o discurso.

Certamente é necessário contemplar a educação de jovens e adultos como uma questão social, porém, a questão que se apresenta é pedagógica, assim é preciso rever que mecanismo pode ser usado na alfabetização de adultos para garantir o acesso destes que já foram excluídos da escola em seu tempo regular e buscam hoje reverter esse quadro. Sendo assim é preciso compor uma proposta pedagógica adequada a esse público etário que é tão distinto entre si e diferenciado do grupo de crianças em idade de alfabetização.

Chama atenção nas discussões dos seminários nacionais sobre a formação de Educadores de Jovens e Adultos que a formação em serviço “não pode ser esporádica ou descontínua; precisa ser permanente e sistemática, já que requer tempo de amadurecimento e de sedimentação para que venha a incidir não apenas sobre os conhecimentos e as competências, mas também sobre os valores e as atitudes do educador” (SNF I 2006).

Podemos destacar também que nos quatro seminários sobre a formação da EJA I (2006), II (2007), III (2010) e IV (2012) foram explicitadas a importância da formação inicial do professor para atuar na Educação de Adultos; as discussões realizadas nesses encontros focaram na criação de políticas públicas que propõem e

definem a formação de professores voltada para EJA, vinculando às universidades públicas essa ação e compromisso. Infelizmente no município de Carinhanha, os professores não possuem uma formação inicial para atuar na EJA.

O EDUCANDO DA EJA

O educando da EJA, geralmente são jovens ou adultos, que não tiveram oportunidade de concluir o ensino fundamental ou médio na idade apropriada. Lopes e Paes (2013) ressaltam que a EJA caracteriza-se pelo comparecimento de educandos que não tiveram antes ingresso à educação na idade regular; são educandos com idade muitas vezes bastante avançada:

As pessoas que ingressam na EJA não iniciaram ou não concluíram o ensino escolar. Muitas pessoas fazem parte de grupos sociais desfavorecidos economicamente e já passaram por situações difíceis durante o período escolar, enfrentando problemas de aprendizado, dificuldades de convivência com colegas e professores na escola, repetência, além de outros problemas que as levaram a deixar a escola, como a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família Souza (2009).

A EJA volta-se para um conjunto amplo e heterogêneo de jovens e adultos oriundos de diferentes frações da classe trabalhadora que não iniciaram ou concluíram o ensino regular:

Os educandos do ensino fundamental na modalidade EJA são pessoas para as quais foi negado o direito à educação, durante a infância ou adolescência: homens e mulheres, brancos, negros, índios e quilombolas, trabalhadores empregados e desempregados, filhos, pais e mães, moradores dos centros urbanos e das áreas rurais. Algumas dessas pessoas nunca foram à escola ou dela tiveram que se afastar em função da entrada precoce no mundo do trabalho ou mesmo por falta de escolas. A maioria daquelas que já passou pela instituição escolar carrega uma história marcada por numerosas repetências e interrupções (PROEJA, 2007: 18).

No Documento-base do Brasil para a VI CONFINTEA (2008) é analisado o perfil dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos:

- 1) Nas cidades, a EJA é constituída predominantemente por jovens e adultos residentes nas periferias urbanas. O mapa do analfabetismo e

dos sujeitos pouco escolarizados se confunde com o mapa da pobreza em nosso país, consequência do processo de exclusão social causado pelo sistema capitalista.

- 2) Os sujeitos da EJA, presentes na educação do campo, trazem consigo baixo nível de escolaridade marcado também pelo fracasso no ensino formal, bem como pelo fechamento indiscriminado de escolas na zona rural. Aliado a esse quadro, soma-se a constante negação da produtividade econômica e cultural campesina que acaba forçando essa população a constantes migrações.

Portanto, "a EJA é também espaço de tensionamento e aprendizagem em diferentes ambientes de vivências que contribuem para a formação de jovens e adultos como sujeitos da história. Nesses espaços, a EJA volta-se para um conjunto amplo e heterogêneo de jovens e adultos oriundos de diferentes frações da classe trabalhadora" (VI CONFITEA 2008, p.13)".

A EJA no município de Carinhanha também apresenta uma heterogeneidade, como citada no documento do CONFITEA acima, os educandos são trabalhadores rurais, donas de casa, jovens que resolveram voltar a estudar. Diante dessa multiplicidade de sujeitos da EJA no município é necessário um repensar pedagógico pautado no conhecimento e realidade que esses sujeitos trazem consigo.

Um outro aspecto importante a ser considerado é que o perfil dos educandos da EJA

é constituído por pessoas com diferente quantitativo de anos de permanência na escola, com diferentes níveis de conhecimento e de estágios de desenvolvimento intelectual, além de comportamentos, valores e atitudes diferenciados. Diante dessa diversidade, é importante promover intercâmbios de saberes e a resolução de problemas através de atividades cooperativas e colaborativas (BRASIL PROEJA, p. 39).

Podemos observar que quando os jovens e adultos "retornam à escola, levam significativa gama de conhecimentos e saberes construído ao longo de suas vidas" (PROEJA, 2007:18). Para Souza (2009) os educandos que ingressam na

EJA buscam “na escola não só um espaço de trocas de saberes e conhecimentos, mas também um espaço de socialização e inserção social”, por este motivo, é preciso uma metodologia adequada para atendê-los. A própria LDB nº 9.394 de 1996 assegura que a oferta de oportunidade escolar aos jovens e adultos deve ter uma abordagem pedagógica diferenciada da que normalmente é aplicada no trabalho com crianças, incluindo conteúdos, metodologias, tipologias organizacionais e sistemáticas de educação.

HISTÓRIA DA EJA NO BRASIL

A Educação de Jovens e Adultos não é uma questão nova no que se refere a educação sistemática no cenário educacional brasileiro, pois desde o Brasil Colônia já remetia a educação para adultos como educação para a população não infantil, em que objetivavam catequizá-los para as causas religiosas, econômicas e políticas da época.

Para tratar sobre a história da EJA no nosso país, me apoiarei no trabalho de Porcaro (2013) que nos conta que a EJA começa a ganhar espaço a partir da década de 30 do século XX; nesse período o processo de industrialização também começa a emergir junto com a expansão dos grandes centros urbanos, daí a expansão do ensino elementar pelo governo federal para todo o país, passando essa responsabilidade para os estados e municípios.

No início da década de 40 foi diagnosticado um alto índice de analfabetismo, daí advém a ideia de garantir aos adultos um fundo voltado para alfabetização da população mais adulta. Em 1945, já no final da ditadura de Vargas, no Brasil começou a existir uma ebulição política, onde a sociedade passou por instantes de grandes crises. Houve momentos de várias críticas quanto aos adultos não alfabetizados.

É importante a menção aos fatores estruturais da sociedade brasileira tais como a economia voltada aos interesses externos; relações patrimonialistas na esfera do Estado; enraizamento das relações de poder, de submissão e de clientelismo, onde a educação de adultos é parte desse contexto maior de relações

nacionais e internacionais.

Durante muito tempo, a educação de adultos esteve à margem do debate sobre a educação pública. Ao longo do século XX, essa faceta do analfabetismo foi tratada como um mal que assolava a sociedade e que precisava ser erradicado. Era preciso diminuir a “ignorância” e formar um “coletivo eleitoral” que viesse responder aos interesses da elite política. A pessoa não alfabetizada era vista como um ignorante, característica que marcou o desenvolvimento dos programas de alfabetização, os quais valorizavam o ensino das primeiras letras – leitura e escrita.

Na primeira metade do século XX, os principais sujeitos da educação de adultos eram os migrantes de várias localidades da zona rural do Brasil que se dirigiam para as cidades. No campo havia poucas escolas e acreditava-se na ideia de que o trabalhador rural não precisava de estudos para pegar na enxada. Na década de 1940 em que os levantamentos de dados demonstravam que o analfabetismo era uma das características do chamado “subdesenvolvimento” do País, as autoridades políticas dedicaram atenção a essa parcela da população, com o intuito de que adquirissem formação para “decifrar” os códigos da escrita. Segundo Porcaro, os sujeitos da educação de adultos buscavam o estudo como forma de melhorar de emprego e de superar a vergonha de “ser analfabeto” numa sociedade em que o processo de industrialização estava em desenvolvimento (2013: 53).

No entanto, a partir da década de 1950, a educação de adultos adquire novas faces políticas e pedagógicas. São políticas quando se objetiva com a educação atingir a forma de consciência crítica, ou seja, que os sujeitos da educação possam transformar a si e a sua situação vivida no mundo, fazendo da alfabetização um ato de conhecimento, ao se conhecerem a si mesmos e à realidade em que vivem e ao pensarem nas possibilidades de transformá-la.

No final da década de 50 e início da década de 60 essa nova perspectiva na educação brasileira fundamenta-se nas ideias e experiências desenvolvidas por Paulo Freire. O mesmo defendia uma pedagogia voltada às demandas e necessidades das camadas populares, ou seja, uma educação de jovens e adultos a partir dos princípios da educação popular. Na década movimentos sociais e de alfabetização de adultos deram novo impulso à educação de adultos, enquanto movimentos de educação popular, sob a influência da sociedade civil, do Estado e

da Igreja Católica. Estes movimentos promoveram a

[...] Educação Popular, desenvolvida por inúmeros movimentos sociais: Movimento de Educação de Base – MEB, proposto e praticado pela Igreja Católica, vivo e atuante até hoje; União Nacional dos Educandos – UNE, com os [Centros Populares de Cultura - CPC]; os Círculos de Cultura do grande educador popular Paulo Freire, e sua prática Educativa, estabelecendo o diálogo com as culturas, a partir da cultura do educando e a continuidade do conhecimento (FREIRE, apud, ROMÃO, 2006, p.16).

Além dos movimentos acima citados, também houve um empenho da política pública municipal na Educação Popular ao apoiarem o Movimento de Cultura Popular (MCP) em Recife, em que Paulo Freire deu início às suas ideias no campo da educação de adultos e a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler em Natal (RN).

O Sistema Paulo Freire surge com o objetivo de mudar a história da EJA no Brasil, com concepções mais humanas de conscientização política. O mesmo foi desenvolvido em Recife, Pernambuco, posteriormente se estendeu a Angicos, Rio Grande do Norte e com o sucesso obtido, essa experiência ficou conhecida em todo o Brasil em 1963, sendo praticado por inúmeros grupos de cultura popular.

O que mais chama atenção na concepção de Paulo Freire é sua preocupação com uma prática educativa mais humana, mais igualitária e mais democrática, permitindo aos sujeitos aprender a refletir sobre o seu próprio espaço de vivência a partir das suas experiências e seus problemas para ir em busca de soluções transformadoras de sua realidade. Por isso suas ideias não foram aceitas, pois não condizia com os desejos da classe dominante. O Golpe Militar de 1964 contribuiu para que quase todos os movimentos de alfabetização voltados para uma cultura popular fossem extintos ou reprimidos, dentre eles: o Movimento de Cultura Popular (MCP).

Percebe-se que embora reprimidas, as ideias de Paulo Freire se propagaram e são referências principalmente na área de Educação de Jovens e Adultos, com a visão de poder oferecer a esses sujeitos uma oportunidade que perderam no momento mais oportuno de suas vidas, no sentido de proporcionar uma qualidade de vida mais humana, conscientização política e maior participação social (Souza, 2007, p. 34-35).

O início das ações do MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) surge na década de 1970, era um projeto com caráter de campanha que se propunha a acabar com o analfabetismo em apenas dez anos, porém essa meta não foi atingida, mas manteve seu caráter de controle político-ideológico. O programa passou por diversas alterações em seus objetivos, ampliando sua área de atuação para campos como a educação comunitária e a educação de crianças.

O Mobral foi extinto e substituído em 1985 pela Fundação EDUCAR – Fundação Nacional de Educação, cujo objetivo era fomentar programas destinados àqueles que não tiveram acesso à escola ou que dela foram excluídos, a extinção do analfabetismo, através de apoio e estimulação de projetos de educação de adultos, porém, essa veio a ser extinta logo no início do Governo Collor (Souza, 2007, p. 35).

A Educação de Jovens e Adultos vive um novo cenário com a Constituição de 1988, que em seu Inciso I do Artigo 208 garante o dever do Estado e o direito de todos, com a oferta do ensino fundamental gratuito e obrigatório a todos, inclusive aqueles que não tiveram acesso na idade própria. Porém ocorreram fatos que impediram ou dificultaram a concretização dos direitos assegurados pela mesma. Esses fatos estão ligados às reformas neoliberais dos governos posteriores: Fernando Collor de Melo e Fernando Henrique Cardoso.

A década de 1990 inicia com uma nova Constituição que ao menos no papel garantiu o direito de acesso a todas as pessoas, independentemente da idade, ao ensino fundamental. Na Conferência Mundial sobre Educação para todos em Jomtien na Tailândia emerge a EJA como primeira etapa da educação básica. Das lutas advindas da sociedade civil, a EJA passa a ter a mesma importância em relação às outras modalidades de ensino (Souza, 2007, p.17).

A EJA é uma modalidade de ensino reconhecida na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), lei 9.394/96 que no seu artigo 37 destaca: “A educação de jovens e adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. Assim tem que se compreender um pouco da trajetória da EJA no Brasil, da legislação educacional e das diretrizes curriculares para essa modalidade de ensino no âmbito das políticas públicas. Como também discutir as tendências teóricas e as práticas pedagógicas na EJA, ao lado dos aspectos da formação e da prática do profissional

da educação.

A compreensão da EJA nas suas faces políticas e sociais permite ao professor visualizar a importância do acesso dos educandos à escola e de sua permanência nessa instituição, bem como as contradições que marcam a educação pública no Brasil. Embora a prioridade na formação de professores seja o estudo dos aspectos da educação básica, as modalidades de ensino como EJA e educação especial, por exemplo, têm demandado a inclusão de conteúdos formativos, pois os profissionais da educação defrontam-se com uma realidade educacional que exige formação para pensar e trabalhar com a diversidade cultural e com as adversidades sociais.

Na Emenda Constitucional 59/2009 e a Lei nº 12.061/2009 ampliaram na prática, a proteção jurídica de toda a educação básica, fortalecendo a exigibilidade jurídica do ensino médio, regular e na modalidade de educação de jovens e adultos (EJA), esta última voltada aos que não tiveram acesso à educação na idade própria. Assim, de forma inédita até então, a Constituição passa a assegurar o direito à EJA à toda a educação básica.

No ano de 2009 o Brasil sediou em Belém o VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFITEA) que iniciou o processo de mobilização em 2007 e concluiu em dezembro de 2009. De acordo com o documento final:

o grande desafio posto agora é o de passar da retórica à ação, envidando esforços para que as recomendações apresentadas no Marco de Ação de Belém sejam implementadas nas políticas públicas da educação de jovens e adultos. O esforço que a CONFITEA VI representa somente se justifica na melhoria de acesso a processos de educação e aprendizagem de jovens e adultos de qualidade e no fortalecimento do direito à educação ao longo da vida para todos (CONFITEA/UNESCO, 2010:3).

Em 15 de junho de 2010 foi publicada a resolução 03/2010 que instituiu as Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. No seu artigo 2º consta que para melhorar o desenvolvimento da EJA:

“cabe a institucionalização de um sistema educacional público de Educação Básica de jovens e adultos como política pública de Estado e não apenas de governo, assumindo a gestão democrática, contemplando a diversidade de sujeitos aprendizes, proporcionando a conjugação de políticas públicas setoriais e fortalecendo sua vocação como instrumento para a educação ao longo da vida”.

Em janeiro de 2012 a resolução nº 02 definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio; aqui tivemos um avanço pois a EJA é contemplada como podemos ver no inciso VI, ela deverá ser incluída para a preparação básica para o trabalho, o Ensino Médio pode preparar para o exercício de profissões técnicas através da integração com a Educação Profissional e Tecnológica com as seguintes cargas horárias mínimas:

- 2.400 (duas mil e quatrocentas) horas, na Educação de Jovens e Adultos integrada com a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, respeitado o mínimo de 1.200 (mil e duzentas) horas de educação geral;
- 1.400 (mil e quatrocentas) horas, na Educação de Jovens e Adultos integrada com a formação inicial e continuada ou qualificação profissional, respeitado o mínimo de 1.200 (mil e duzentas) horas de educação geral;

Outro avanço foi o projeto de Lei - PL nº 8.035/2010 que na meta 8 propôs fomentar programas de educação de jovens e adultos para os segmentos populacionais que estejam fora da escola e com defasagem idade-série; essa estratégia veio fortalecer a educação de jovens e adultos. A meta 10 consistiu em “oferecer, no mínimo, vinte e cinco por cento das matrículas de educação de jovens e adultos na forma integrada à educação profissional nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio”; infelizmente essa meta ainda não foi alcançada no município de Carinhanha, pois o município trabalha apenas na perspectiva do ensinar a ler e escrever.

A educação de jovens e adultos também foi foco de discussão na Conferência Nacional de Educação em 2014 (CONAE 2014), destacando-se a discussão das Políticas de Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da educação ao longo da vida. A EJA tem sido objeto de várias discussões em diferentes espaços e forma parte de uma luta para garantir a permanência do educando não alfabetizado na escola. Temos avançado muito na EJA, as leis existem, mas ainda falta a efetivação dessas leis na prática dos municípios brasileiros.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS EDUCANDOS DA EJA

Em uma abordagem pedagógica, a dificuldade de aprendizagem se compreende como a dificuldade de aprender, mas queremos destacar que existem vários fatores que interferem para que os adultos possam ou não aprender:

(...) as pessoas humanas mantêm um bom nível de competência cognitiva até uma idade avançada (desde logo, acima de 75 anos). Os psicólogos evolutivos estão, por outro lado, cada vez mais convencidos de que o que determina o nível de competência cognitiva das pessoas mais velhas não é tanto a idade em si mesma, quanto uma série de fatores de natureza diversa. Entre esses fatores podem-se destacar, como muito importantes, o nível de saúde, o nível educativo e cultural, a experiência profissional e o tônus da pessoa (sua motivação, seu bem-estar psicológico...). É esse conjunto de fatores e não a idade cronológica *per se*, o que determina boa parte das probabilidades de êxito que as pessoas apresentam, ao enfrentar as diversas demandas de natureza cognitiva (1995, *APUD* Oliveira, 2001, p. 12).

Por isso é essencial que o professor preste atenção a essas dificuldades durante todo o processo ensino-aprendizagem porque o educando jovem, adulto e idoso tem a mesma capacidade de aprendizagem que uma criança ou adolescente. Existem várias dificuldades de ordem física, emocional e mental como problemas de audição, ocular, financeiros, familiares, etc, o que não se reduz apenas a um problema cognitivo.

O educando do EJA teve seu percurso educacional marcado pela não continuidade. Soglia e Santos (2013) argumentam que são vários os motivos que levaram os jovens e adultos não alfabetizados a deixarem a escola como os horários do trabalho incompatíveis com a escola, as dificuldades de acesso ou o fato da escola não atender às suas expectativas. Por outros motivos estão retornando devido a necessidade de adquirir novos conhecimentos, pela vergonha de serem analfabetos numa sociedade letrada, pelas novas exigências do mundo de trabalho e pela cobrança ou estímulo da família.

Soglia e Santos (2013) realizaram uma pesquisa com educandos da EJA e encontraram que as dificuldades são referentes à leitura e operações matemáticas ou a timidez que pode servir de obstáculo para que eles socializem suas ideias, dificultando assim o processo de aprendizagem. Ressaltam ainda que a escola não

oferece material didático como livros ou apostilas adequados. Outro fator que pode contribuir para as dificuldades de aprendizagem dos educandos é a restrição de atividades somente em sala de aula, pois os educandos não fazem atividades extraclasse, alegando falta de tempo. Também não se reúnem em grupos em outros espaços e não tem o hábito de ler nem de escrever. Eles relataram que existe um absenteísmo maior nos períodos de festa, acentuando-se após o recesso escolar.

Na educação de jovens e adultos há um desconhecimento por parte dos professores acerca das características cognitivas desses educandos, pois as atividades pedagógicas são voltadas para crianças, quando em realidade essas atividades deveriam potencializar o conhecimento que os educandos trazem consigo. Acreditamos que em geral a forma de ensino não está adequada aos educandos da EJA, o que dificulta sua aprendizagem, pois temos que ter como ponto de partida que eles

“não são crianças” com todas as suas modalidades. Não são educandos universitários, nem profissionais qualificados, não frequentam cursos de formação especializada e nem cursos especializados. Geralmente são migrantes procedentes de áreas rurais ou de cidades muito pobres sem qualificação com pouca e baixa instrução escolar, muitas vezes são analfabetos, passagem muito curta em escola institucionalizada, trabalham em ocupações não qualificadas desde a infância ou da juventude” (Oliveira, 1999:59).

Muitos educandos da EJA ingressam na sala de aula com enormes dificuldades porque ainda não tem ou tem pouca familiarização com o ensino institucionalizado mas existe uma cadeia de causas e conseqüências de problemas psicossociais que precisam receber a atenção necessária, pois ora funcionam como causa, ora como conseqüência de problemas geralmente apresentados na escola. De acordo Correia e Martins (2014)

Numa perspectiva orgânica, as DA (Dificuldade de Aprendizagem) são desordens neurológicas que interferem com a recepção, integração ou expressão de informação, caracterizando-se, em geral, por uma discrepância acentuada entre o potencial estimado do educando e a sua realização escolar. Numa perspectiva educacional, as DA refletem uma incapacidade ou impedimento para a aprendizagem da leitura, da escrita, ou do cálculo ou para a aquisição de aptidões sociais (CORREIA, Luis& MARTINS Ana, 2014: 6).

Deste modo as dificuldades de aprendizagem apresentada pelos educandos da EJA pode ser de ordem orgânica ou pedagógica mas que podem ser dificuldades

preliminares, sendo superadas devido a dedicação e desejo de superação desses educandos.

EJA EM CARINHANHA NA BAHIA

O Município de Carinhanha, no Estado da Bahia, pertence à Região Econômica do Médio São Francisco e encontra-se localizada à margem esquerda do rio São Francisco na divisa com o Estado de Minas Gerais pelo rio Carinhanha. Vincula-se economicamente tanto com o município vizinho de Malhada (situado na margem oposta do rio) bem como com as cidades de Guanambi (distante 111 km) e Bom Jesus da Lapa (distante 141 km) que funcionam como centro de negócios na Região Econômica de Serra Geral e do Médio São Francisco, respectivamente. A sede do município de Carinhanha está localizado, por via rodoviária, a 900 km de Salvador. Possui uma área total de 2.752 km², equivalente a 0,48% da superfície do Estado da Bahia (<http://www.carinhanha.ba.gov.br>).

De acordo os dados do IBGE (2013), o município tem uma população estimada de 29.768.



Fonte: <http://ahistriadecarinhanha.blogspot.com.br/2011/05/vbehaviorurldefaultvmlo.html>

Os dados sobre a história da Educação de Jovens e Adultos no município de Carinhanha do estado da Bahia estão baseados na Proposta Pedagógica do Município da Secretaria Municipal de Educação de Carinhanha (2011).

A EJA em Carinhanha teve início no decorrer do ano de 1997 com o Programa do Governo do Estado da Bahia conhecido como AJA BAHIA. No estado este programa iniciou em 1996 e tinha como objetivo garantir à população não alfabetizada, tanto do meio rural quanto do meio urbano, o direito à alfabetização, proporcionando não apenas a aprendizagem do ler, escrever e contar, como também as ferramentas de análise e reflexão sobre a realidade, respeitando-se as diversidades locais e culturais. Além disso, tinha como perspectiva garantir aos alfabetizados a continuidade dos estudos em escolas da rede estadual ou municipal.

No município de Carinhanha o AJA BAHIA funcionou em duas etapas com duração de quatro meses cada uma, mas o tempo não foi suficiente para alfabetizar todos os jovens, adultos e idosos do município.

Em 1998 o município aderiu um novo programa de alfabetização intitulado Alfabetização Solidária, esse programa era coordenado pelo Conselho da Comunidade Solidária, ou seja, através do conselho de ONGs em parceria com o MEC e municípios com o objetivo de desencadear um movimento de solidariedade nacional e reduzir as disparidades nacionais e os índices de analfabetismo até o final do século XX.

Ao contrário do AJA BAHIA, o programa Alfabetização Solidária oferecia assistência pedagógica através de capacitação do professor com a duração de 80 horas e também acompanhavam mensalmente as atividades desenvolvidas. O programa permaneceu no município até o ano de 2000, o que contribuiu bastante na alfabetização de adultos em Carinhanha.

No ano 2000, atendendo a Nova Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional 9394/96, o município assumiu 12 turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) orientados pelo MEC, seis turmas na sede e seis na zona rural. Com a exclusão da Educação de Jovens e adultos dos recursos financeiros do FUNDEF, a modalidade da EJA praticamente não tinha recursos da União, por este motivo, o governo federal criou no ano de 2000 o Programa RECOMEÇO que foi financiado

com recursos do Fundo de Amparo à Pobreza com a duração prevista de 2001 a 2003 e consistia na transferência de recursos financeiros aos estados e municípios. Em Carinhanha o Programa RECOMEÇO iniciou-se em 2001 com atendimento de 19 turmas, o que consolidou a Educação de Jovens e Adultos no município. A partir daí, houve um avanço significativo no número de turmas, ou seja, a cada ano foi ampliando as turmas nas escolas.

Mesmo com o aumento nas turmas da EJA no município de 2003 a 2006 não havia política própria para essa modalidade, continuou-se com programas de alfabetização de adultos, sem nenhuma regulamentação. Dessa forma o ensino da EJA não integrava a educação básica do município.

No ano de 2007, a Secretaria Municipal de Educação reestruturou a EJA pautando na LDB, 9.394/96, conforme dispõe o art. 36 e seus parágrafos, III - Carga horária mínima de, pelo menos, 2.800 (duas mil e oitocentas) horas presenciais para o Ensino Fundamental, 1.200 horas para o segmento que corresponde às Séries Iniciais e 1600 (mil e seiscentas) horas, para aquele Segmento que abrange do 6º ao 9º ano desta modalidade de ensino; IV – As atividades não presenciais são oferecidas até 20% da carga horária total que são planejadas, avaliadas e registradas pelo educador; V - Frequência mínima obrigatória correspondente a 75% (setenta e cinco por cento) das atividades escolares presenciais desenvolvidas durante o semestre letivo.

Em 2009 a EJA se regulamenta no município com o Parecer nº 05/2009 CME/CEB inserindo na Lei do Sistema Municipal de Ensino de Carinhanha e em 2010 com o Parecer nº 05/2009 CME/CEB reformulou-se a matriz curricular dessa modalidade, deixando de trabalhar apenas as disciplinas de português e matemática como na matriz anterior. De acordo com a Secretaria Municipal de Educação de Carinhanha (SME-CNN), essa modalidade de ensino é ofertada da seguinte forma:

Segmento I – Com duração de dois anos é estruturada com os módulos 1 e 2, que corresponde a integralização dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Trabalha com as disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Educação Física. A disciplina de Artes é somada entre as demais disciplinas do currículo.

Segmento II – Com duração de dois anos é estruturada com os módulos 3 e 4 que corresponde a integralização dos anos finais do Ensino Fundamental. Trabalha com as disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia e Língua Inglesa. As disciplinas de Arte, Redação, Educação Tecnológica, Educação Física, Filosofia são somadas entre as demais disciplinas do currículo.

Atualmente a Educação de Jovens e adultos no município contempla 02 Programas: o Brasil Alfabetizado que é um programa do governo federal em parceria com o município, voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos não alfabetizados e o Programa TOPA (Todos pela Alfabetização) que é um programa do governo do Estado da Bahia que tem o objetivo de promover uma educação de qualidade para a população de jovens, adultos e idosos, assegurando seu ingresso e permanência na escola, garantindo-lhes as oportunidades necessárias à apropriação da leitura e da escrita e criando as condições objetivas para a inclusão social, política, econômica e cultural desses sujeitos.

O Programa Todos Pela Alfabetização (TOPA) foi criado 2007 pelo governo da Bahia com o objetivo de promover educação de qualidade para jovens, adultos e idosos e assegurar seu ingresso e permanência na escola. O Programa é resultado do compromisso do governo com a redução do índice de analfabetismo entre jovens e adultos na Bahia. O programa iniciou na Bahia e em Carinhanha no ano de 2007, sendo que em todo o estado favoreceu 936 mil pessoas e em Carinhanha 400 pessoas, através de parcerias com prefeituras municipais e entidades dos movimentos sociais e sindicais, universidades públicas e privadas.

A oferta de alfabetização é necessária para melhorar os indicadores sociais. Vê-se que é indispensável que gestores públicos, empresários, movimentos sociais e sindicais, lideranças comunitárias, educandos e voluntários estejam vinculados pelo TOPA.

O foco principal do TOPA é promover a alfabetização na Bahia, por intermédio de política de educação de jovens e adultos. O TOPA tem o objetivo de alfabetizar várias pessoas a partir de 15 anos, que nunca foram a escola ou que não terminaram o seu processo de alfabetização. Esse programa dá facilidade para o educando permanecer na escola na medida em que oferece o material didático no decurso do ano letivo. Isso porque a maior parte dos educandos não é assalariada.

O Programa Brasil Alfabetizado (PBA) é um programa jovens e adultos a partir dos 15 anos de idade tem por objetivo promover a superação do analfabetismo e contribuir para a continuidade dos alfabetizados nos estudos. O programa Brasil Alfabetizado, apesar de ter atuação em todo o território nacional, define como prioridade no combate ao analfabetismo o atendimento àqueles municípios que possuem taxa igual ou superior a 25%. No ano 2000, eram 1.928 municípios brasileiros que se encontravam nesta situação; no ano de 2010, este número caiu para 1.228, o que ainda representa mais de um quinto do total dos municípios brasileiros. Os municípios com taxa de analfabetismo igual ou superior a 25% estão distribuídos em dezessete estados e, em pelo menos oito, representam mais da metade de todos os seus municípios (Brasil, MEC, 2014).

O destaque negativo novamente é o estado de Alagoas, onde 88 dos seus 102 municípios possuem taxa igual ou superior a 25%. Em termos absolutos, a Bahia lidera com 179 municípios nesta situação, seguida de Piauí e Paraíba, com 175 e 166 municípios, respectivamente. Maranhão, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte completam a lista de estados com mais de 100 municípios com taxa de analfabetismo igual ou superior a 25%. De fato, 91,3% dos municípios com esta taxa de analfabetismo estão no Nordeste (IPEA 2013)

O Ministério da Educação realiza o Programa Brasil Alfabetizado desde 2003 e em Carinhanha iniciou com as matrículas no segundo semestre de 2010 e em 2011 deu início as aulas.

Além dos programas já mencionados a EJA é uma modalidade já regulamentada no Sistema Municipal de Ensino de Carinhanha e atende dois segmentos: o segmento I que atende educandos de 1ª a 4ª série e o segmento II que atende educandos de 5ª a 8ª série. De acordo o censo de 2013 o município atendeu 987 educandos do ensino fundamental. O ensino médio da EJA é ofertada pelo estado em uma única escola estadual no município e tem a duração de dois anos.

A SITUAÇÃO DAS ESCOLAS DE EJA EM CARINHANHA

As escolas situadas no município apresentam um espaço físico ainda inadequado, o que dificulta na aplicação de aulas lúdicas, realizações de atividades interferindo assim no desenvolvimento dos educandos. Deve-se ressaltar ainda a falta de capacitação dos educadores da EJA; sem uma preparação voltada para essa modalidade de ensino, o desenvolvimento das aulas é precário, influenciando na má aprendizagem dos educandos.

Outro problema comum nas escolas em Carinhanha é a falta de recursos, sem o material adequado fica difícil elaborar uma aula atrativa que prenda a atenção dos educandos e os motive a aprender.

A interrupção temporária do processo de formação escolar é um problema recorrente do ensino no Brasil, sobretudo na EJA, apesar do aumento significativo do número de matrículas. O grande desafio na EJA seria podermos motivar os educandos para uma aprendizagem que permita a ressignificação do sentido de vida, de trabalho e de um novo projeto de sociedade realizada com o prazer da luta coletiva pela transformação da sociedade, com boniteza e alegria, como diria Paulo Freire.

Escola Municipal Antônio Pereira da Silva

A Escola Municipal Antônio Pereira da Silva situa-se no bairro SUDENE, na sede do município, onde quase 80% dos seus educandos são advindos da zona rural. Esta escola dispõe de uma estrutura física para atender mais de 800 (oitocentos) educandos. O edifício possui onze salas de aula, uma diretoria, uma biblioteca, uma cantina, pátio com grande área livre, um laboratório de informática com 10 computadores e auditório em construção. A escola funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno.

Em 2012 foram matriculados cento e um educandos na Educação de Jovens e Adultos, sendo trinta educandos do segmento I (1ª a 4ª série) e setenta e um educandos do segmento II (5ª a 8ª) nos períodos matutino e vespertino conforme a tabela 1.

Tabela 1 – Número de matrículas, aprovados, reprovados, interrupções do processo escolar e educandos transferidos da Escola Municipal Antônio Pereira da Silva.

Série	Educandos matriculados	Educandos aprovados	Educandos reprovados	Interrupção temporária do processo formativo escolar	Educandos transferidos
EJA I segmento	30	11	01	18	00
EJA II segmento	71	51	02	17	01
Total	101	62	03	35	01

Fonte: Atas de resultados finais da escola, 2012.

O número de desistência foi muito alto no I segmento em que trinta educandos foram matriculados e dezoito desistiram, o que corresponde a 60% de educandos evadidos, sendo que apenas um educando foi reprovado e somente 11 educandos concluíram o ano, o que corresponde a 36,6% como mostra a tabela 2 abaixo.

No II segmento, a taxa de desistência foi menor do que o I segmento; setenta e um educandos foram matriculados e divididos em 03 (três) turmas, cinquenta e um educandos chegaram ao fim do ano, o que corresponde a 71,8% dos aprovados; dois educandos foram reprovados; um educando foi transferido e dezessete educandos desistiram, o que corresponde a taxa de evasão de 23,9%.

Tabela 2 - Porcentagens do total de educandos aprovados, reprovados, interrupções temporária do processo escolar e transferidos nos segmentos I e II do ano letivo de 2012 na Escola Municipal Antônio Pereira da Silva

Série	Taxa aprovação	Taxa reprovação	Taxa Interrupção temporária do processo escolar	Taxa transferência
EJA I segmento	36.6%	3.3%	60%	0.0%

EJA				
II segmento	71.8%	2.8%	23,9%	1.4%

Fonte: Atas de resultados finais da escola, 2012.

Em conversa com a direção, nos explicaram que a diferença da evasão do segmento I para o seguimento II se deu porque os educandos do segmento II são na maioria jovens que estudam no período diurno e a maioria deles só estuda. Podemos perceber que dentro da faixa etária da EJA se configura uma diferença de interesses, a depender da idade. Isso traz um desafio para as práticas pedagógicas que deveriam contemplar os diferentes interesses e dificuldades dos diferentes grupos de idade:

O jovem tem um olhar para o futuro. Na transição da infância para fase adulta está ligado às inovações tecnológicas, aos modismos dos meios de comunicação, ou seja, às mudanças que ocorrem no mundo. O adulto está interessado na vida profissional, na sua inserção no mercado de trabalho, olhando para a sua situação de vida presente. O idoso busca ser cidadão, viver a sua vida em sociedade, sendo respeitado como pessoa e pelo seu passado, pela sua história de vida. Almeja viver na sociedade com dignidade (OLIVEIRA, 2004, p.59-60).

Os educandos dessa escola estão matriculados no segmento em que são pessoas adultas e idosas. Segundo relato da coordenadora pedagógica, a escola desenvolve suas atividades metodológicas por área de conhecimento: humanas; conhecimentos naturais, matemática e área de linguagem, mas a escola não possui professores com formação adequada para educação de jovens e adultos, pois a secretaria de educação do município não oferece formação continuada para esses professores, por isso acredita que as aulas ainda não atendam a demanda dos educandos.

Escola Municipal Dindinha Jove

A Escola Municipal Dindinha Jove situa-se no bairro Alto da Colina, um dos bairros carentes do município. O edifício possui nove salas, uma secretaria, uma diretoria, uma cozinha, três banheiros, uma quadra esportiva e funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno com as seguintes modalidades: Ensino Fundamental do 4º ano ao 9º ano, Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos dois

segmentos I e II, formando um total de 13 turmas com um total de 512 educandos. A direção administrativa é constituída por uma diretora, uma vice-diretora e duas coordenadoras pedagógica.

No ano 2012 foram matriculados 102 educandos na EJA, no período noturno, 21 educandos do segmento I atendidos por um professor e 81 educandos do segmento II atendidos por cinco professores, conforme a tabela 3.

Tabela 3 - Número de matrículas, aprovados, reprovados, interrupções do processo escolar, e educandos transferidos da Escola Municipal Dindinha Jove.

Série	Educandos matriculados	Educandos aprovados	Educandos reprovados	Interrupção temporária do processo formativo escolar	Educandos transferidos
EJA I segmento	21	09	00	11	01
EJA II segmento	81	30	00	44	07
Total	102	39	0	55	08

Fonte: Atas da escola com os resultados finais, 2012.

No I segmento foram matriculados vinte e um educandos, sendo que nove educandos foram aprovados, o que corresponde a taxa de 42,8%; onze educandos evadiram, ou seja, 52,3% e um educando foi transferido e nenhum foi reprovado, como podemos ver na tabela 3 acima. O número de educandos evadidos é maior que o número de educandos aprovados.

No II segmento foram matriculados 81 educandos, sendo que somente 30 educandos foram aprovados, o que equivale a 37%; sete foram transferidos e quarenta e quatro educandos desistiram, o que corresponde a 54,3%. O número de educandos desistentes no II segmento também foi maior que o número de aprovados, sendo mais alto que no I segmento.

Tabela 4 - Porcentagens do total de educandos aprovados, reprovados, interrupções temporária do processo escolar e transferidos nos segmentos I e II do ano letivo de 2012 na Escola Municipal Dindinha Jove.

Série	Taxa aprovação	Taxa reprovação	Taxa Interrupção temporária do processo escolar	Taxa transferência
EJA I segmento	42,8%	0,0%	52,3%	4,7%
EJA II segmento	37%	0,0%	54,3	8,6%

Fonte: Atas de resultados finais.

De acordo com a diretora da escola, a desistência e reprovação dos educandos nos dois segmentos está praticamente igual e ela acredita que isso acontece porque a escola não está preparada para atender esses educandos. Outro problema é a falta de um coordenador pedagógico para orientar os professores, uma vez que essa modalidade é ofertada somente à noite e ela não tem como acompanhá-los, pois trabalha 40 horas semanais nos períodos matutino e vespertino. O número de desistência e reprovação nesta escola foi muito elevado, isso nos leva a crer que a proposta elaborada pela instituição não está sendo suficiente para manter a permanência e aprovação dos educandos.

Escola Municipal José Braz Cavalcante

A Escola Municipal José Braz Cavalcante situa-se no bairro mais carente do município. Esta escola iniciou seu funcionamento em 2005 e tem ensino fundamental I e II. A instituição escolar abriga uma população estudantil na ordem de 660 educandos e funciona em três turnos com as seguintes modalidades:

Educação Infantil, Ensino Fundamental do 1º ano ao 9º ano e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A Instituição atende os discentes nos períodos matutino, vespertino e noturno, sendo a EJA somente no período noturno.

A direção administrativa é constituída por um diretor, dois vice-diretores e uma coordenadora pedagógica. Ressaltando que é o diretor juntamente com os dois vice-diretores que direciona os três turnos, sendo que em cada turno tem um vice-diretor em processo de revezamento para auxiliar o diretor.

Em 2012 foram matriculados 78 educandos, sendo 39 educandos do segmento I atendido por um professor e 39 educandos do segmento II atendidos por três professores conforme a tabela 5.

Tabela 5 - Número de matrículas, aprovados, reprovados, interrupções do processo escolar, e educandos transferidos da Escola Municipal José Braz Cavalcante ano letivo 2012

Série	Educandos matriculados	Educandos aprovados	Educandos reprovados	Interrupção temporária do processo formativo escolar	Educandos transferidos
EJA I segmento	39	12	00	27	00
EJA II segmento	39	16	00	23	00
Total	78	28	00	50	00

Fonte: Atas da escola com os resultados finais, 2012.

Percebe-se que a taxa de evasão dos educandos da EJA nessa escola tanto no I segmento como no II segmento foi muito alta, o que é muito preocupante. No I segmento matricularam trinta e nove educandos, vinte e sete educandos desistiram, o que corresponde a 69% como mostra a tabela 6, somente doze educandos foram aprovados, o que corresponde a 30,7% dos educandos matriculados. Já no II segmento trinta e nove educandos foram matriculados, sendo

que vinte e três desistiram, o que corresponde a taxa de 58,9% e somente 16 educandos concluíram o ano letivo como podemos ver na tabela 5.

Tabela 6 - Porcentagens do total de educandos aprovados, reprovados, interrupções temporária do processo escolar e transferidos no segmento I e II do ano letivo de 2012 da Escola Municipal José Braz Cavalcante.

Série	Taxa aprovação	Taxa reprovação	Taxa Interrupção temporária do processo escolar	Taxa transferência
EJA I segmento	30,7%	0,0%	69%	0,0%
EJA II segmento	41%	0,0%	58,9	0,0%

Fonte: Atas de resultados finais.

Segundo a direção da escola, o índice de desistência foi muito alto em 2012; as turmas começam o ano letivo com um bom número de educandos e quando chega no meio do ano já desistiram muitos educandos. Os adultos e idosos são mais frequentes, portanto, dentro das taxas de educandos que permanecem nas escolas tanto do segmento I quanto no segmento II, o maior número permanece nesse grupo. Na opinião do diretor, isso acontece pelos seguintes motivos: a EJA só funciona no turno noturno, como os jovens são a maioria, eles desistem por não se integrarem aos adultos e idosos. A direção acredita que os professores da EJA nessa escola direciona o seu trabalho para os adultos e idosos, por isso seria interessante se a EJA fosse ofertada também no período vespertino, isso permitiria aos educandos jovens terem contato com outros educandos jovens facilitando o acompanhamento pedagógico dos professores, pois a escola possui um coordenador apenas nos turnos matutino e vespertino.

Tendo em vista que um porcentagem elevado dos educandos da EJA nas três escolas pesquisadas interromperam os estudos antes do término do ano letivo, resolvemos entrevistar os professores para compreendermos quais são as dificuldades de aprendizagem dos educandos da EJA e analisar a forma como o professor lida com essas dificuldades para poder superá-las.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS EDUCANDOS DA EJA EM CARINHANHA

Para compreendermos as dificuldades de aprendizagem dos educandos da EJA, analisaremos as respostas dos professores entrevistados apresentadas no quadro 1 abaixo. O professor 1 mencionou que uma das dificuldades é a desmotivação dos educandos para a leitura e a impossibilidade de realização de pesquisas de campo, pois os educandos alegam falta de tempo para tais atividades; o que de fato é uma situação real, tendo em conta que na EJA encontram-se muitas pessoas que trabalham e não dispõem de tempo para dedicar-se aos estudos ou sentem-se cansados como afirmou o professor 3.

QUADRO 01 DIFICULDADES ENCONTRADAS NA PRÁTICA PROFISSIONAL DE EJA – RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROF 01	A desmotivação dos educandos para a leitura e as pesquisas de campo, que os mesmos alegam falta de tempo para tais atividades.
PROF 02	É o fato dos educandos faltarem muito e conseqüentemente à desistência.
PROF 03	A realidade dos educandos. Muitos levantam cedo para preparar o almoço, para trabalhar fora, por isso ficam com sono durante as aulas, ficam cansados. Faltam muito e saem cedo.
PROF 04	Está relacionado a falta de frequência dos educandos para desenvolver um bom trabalho.
PROF 05	A falta de recursos.
PROF 06	A falta de recursos.

Fonte: Entrevista com professores da EJA município de Carinhanha - BA

Os professores 2, 3 e 4 apontaram a falta de frequência como dificuldade de aprendizagem na prática, o que leva a desistência como afirmou o professor 2, isso poderia ser um dos motivos do alto porcentagem de educandos interrompendo seus estudos mais uma vez.

O professor 2 comentou que os educandos levantam cedo para preparar o almoço, para trabalhar fora, por isso ficam cansados e com sono durante as aulas. Bem sabemos que “os educandos Jovens e adultos fazem parte de uma demanda peculiar, com características específicas, pois muitas vezes estão inseridos no mundo do trabalho e suas experiências pessoais, bem como sua participação social não são iguais as de uma criança” (BRASIL, MEC, 2002, p.88).

Segundo Freire (2003, p. 30) a grande maioria dos filhos de trabalhadores, traz leitura do seu mundo, o que cabe a escola ampliar a passagem da leitura desse mundo para a leitura da palavra. E esta é a grande dificuldade da escola dar sentido às palavras para que aquele educando que chega cansado, que muitas vezes está estudando por causa da exigência do mundo do trabalho veja significado no ato de ler e escrever. Por isso é necessário que o professor trabalhe a partir dessas peculiaridades dos educandos, propondo atividades que estimule e valorize o conhecimento que o educando já possui e utilizando materiais pedagógicos dentro de sala de aula.

As professoras 05 e 06 relataram que a dificuldade na prática se dá pela falta de recursos pedagógicos, a escola só disponibiliza papel ofício, além do que se o diretor não estiver na escola, a secretaria fica trancada; qualquer outro recurso utilizado por elas são próprios, a escola não tem material.

Para superar as dificuldades de aprendizagem, os professores poderiam fazer uso de recursos didáticos adequados a realidade dos educandos pois esses recursos usados como parte dos conteúdos servem de mediadores entre os conteúdos e os educandos. Os professores entrevistados citam como recursos didáticos mais utilizados em sala de aula são: os livros didáticos e literários, filmes, textos, revistas. Na disciplina de matemática utilizam calculadora, régua, compasso, tampinhas, semente, trena, mapa, escala, comprovantes de água e luz para que os educandos aprendam com elementos do seu cotidiano, somente o professor 1 utiliza o data show, microsistem e textos impressos.

QUADRO 02 RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS - RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROF 01	Data show, microsister, textos impressos, livros didáticos e literários, filmes, músicas, jornal e revista Mundo Jovem.
PROF 02	Recursos didáticos variados como jogos recreativos, alfabeto móvel, livros literários, livro didático, filmes, dentre outros.
PROF 03	Livro didático, dicionário, calculadora, régua, transferidor, pincel, caneta, lápis de cor, esquadro, cola, cartolina, folha sulfite A4, compasso, tampinhas, sementes, caixas, embalagens, comprovante de água, luz, fita métrica, trena, fita adesiva, tesoura, mapa, escala, etc.
PROF 04	Livros, áudio e vídeo
PROF 05	Livros didáticos, filmes e recortes.
PROF 06	Livros didáticos, recortes, atividades xerocadas, quando tem folhas e tinta

Fonte: Entrevista com professores da EJA município de Carinhanha – BA

Um dos fatores interessantes nessa pesquisa foi que pude fazer a observação em algumas salas e no momento em que eu visitei essas turmas não encontrei nenhum desses professores trabalhando com a diversidade de materiais citados, mas nas entrevistas os professores afirmaram utilizar vários recursos didáticos. É importante destacar também que esses recursos precisam ser bem utilizados, pois “os recursos didáticos não podem ser utilizados como se fossem as aulas em si. Isto é, se o professor utilizar algum filme, deve interromper a projeção, fixar cenas, discutir com os educandos, fazer relatório” (Mello, 2004). Sendo assim o professor precisa selecionar com cuidado os recursos a serem utilizados de acordo o conteúdo e as necessidades do educando para que assim alcance os objetivos planejados.

Isso nos remete a compreensão de Lopes e Paes (2013), que relata “um trabalho diferenciado com os jovens e adultos, respeita sua temporalidade, suas especificidades. Sendo ainda, que no trabalho de alfabetização feito em sala de aula busca-se o uso de vários tipos de textos, como músicas, poemas, entre outros”. Somente assim teremos uma educação de adultos de qualidade que leve o educando o desejo de aprender.

Analisemos a metodologia utilizada pelos professores, como afirma Libaneo (1994), os métodos são determinados pela relação objetivos-conteúdos e referem-se aos meios para alcançar os objetivos do ensino, ou seja, “como” acontece o processo de ensino, englobando as ações a serem realizadas pelo professor e pelos educandos para atingir os objetivos. Concordamos com Libaneo (1994:10) que:

a responsabilidade social da escola e dos professores é muito grande, pois cabe-lhes escolher qual concepção de vida e de sociedade deve ser trazida à consideração dos educandos e quais conteúdos e métodos lhes propiciam o domínio dos conhecimentos e a capacidade de raciocínio necessários à compreensão da realidade social e à atividade prática na profissão, na política, nos movimentos sociais.

De acordo ao quadro 3 podemos ver que a professora 1 afirmou que não trabalha com um único método, ela acredita que um único método de ensino não permitiria a aprendizagem dos educandos. O método inovador citado por ela seria o “método freireano” que propõe a identificação das palavras-chave a partir do vocabulário dos educandos, as chamadas palavras geradoras, e do contexto do educando.

A professora 2 disse que ao iniciar o ano letivo, procura fazer um diagnóstico da turma para verificar o nível de aprendizagem dos educandos e qual o método seria o mais adequado para ser trabalhado. Essa análise é feita por meio de pequenos parágrafos, frases ou textos que os educandos escrevem, como a escrita do nome ou alguma coisa sobre a sua história de vida. Assim, ela observa se o educando sabe escrever e conhece as letras do alfabeto. O professor 4 constrói o seu método junto com os educandos.

O que nos chamou atenção foi que os professores 3, 5 e 6 afirmaram que trabalham na perspectiva da interdisciplinaridade, vejamos o significado desta proposta:

A interdisciplinaridade tem uma ambição diferente daquela da pluridisciplinaridade. Ela diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra. Podemos distinguir três graus de interdisciplinaridade: a) um grau de aplicação. Por exemplo, os métodos da física nuclear transferidos para a medicina levam ao aparecimento de novos tratamentos para o câncer; b) um grau epistemológico. Por exemplo, a transferência de métodos da lógica formal para o campo do direito produz análises interessantes na epistemologia do direito; c) um grau de geração de novas disciplinas. Por exemplo, a transferência dos métodos da matemática para o campo da física gerou a física matemática; os da física de partículas para a astrofísica, a cosmologia quântica; os da matemática para os fenômenos

meteorológicos ou para os da bolsa, a teoria do caos; os da informática para a arte, a arte informática. Como a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade também permanece inscrita na pesquisa disciplinar (NICOLESCU et alii, 2000:11).

Trabalhar a interdisciplinaridade é transferir um método de uma disciplina para a outra, conseqüentemente, esses professores não trabalham a partir da interdisciplinariedade, existe um equívoco conceitual por parte desses professores.

QUADRO 03 MÉTODO DE ENSINO– RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROF 01	Utiliza o tradicional adequado ao inovador.
PROF 02	Ao iniciar o ano letivo, ela procura fazer uma avaliação diagnóstica da turma para verificar o nível de aprendizagem dos educandos. Essa análise é feita por meio de pequenos parágrafos, frases ou textos que os educandos escrevem como a escrita do nome sobre a sua história de vida. Assim ela observa se o educando sabe escrever e se já conhece as letras do alfabeto
PROF 03	Trabalha com a interdisciplinaridade
PROF 04	Procura construir junto com os educandos.
PROF 05	Trabalha com aula expositiva, dialogada e interdisciplinar.
PROF 06	Trabalha com aula expositiva, dialogada e interdisciplinar.

Fonte: Entrevista com professores da EJA município de Carinhanha - BA

Para tanto é necessário que se repense nos métodos de ensino aplicados em sala de aula, para que eles não levem a aumentar a dificuldade de aprendizagem. De acordo com Freire, o método de ensino precisa ser para a transformação da sociedade “optar por uma educação transformadora, essencialmente problematizadora, pressupondo criatividade e reflexão sobre a realidade, de modo a assumir o compromisso com sua mudança” (BRASIL, PCEJA, 2002, p. 98). Por isso que o professor da EJA necessita adotar um método para que alcance a aprendizagem dos educando.

A área em que os educandos têm maior dificuldade está relacionado à leitura, escrita e interpretação. O que chama atenção é que os professores não mencionaram nenhuma dificuldade relacionada com outras disciplinas como

matemática.

Podemos perceber a dificuldade de aprendizagem apresentada pelos educandos da EJA no município de Carinhanha não está relacionado à questão cognitiva:

(...) as pessoas humanas mantêm um bom nível de competência cognitiva até uma idade avançada (desde logo, acima de 75 anos). Os psicólogos evolutivos estão, por outro lado, cada vez mais convencidos de que o que determina o nível de competência cognitiva das pessoas mais velhas não é tanto a idade em si mesma, quanto uma série de fatores de natureza diversa. (...) (1995, *APUD* Oliveira, 2001, p. 12).

Como afirma Oliveira (2001) em qualquer idade é possível aprender, por isso as dificuldades de aprendizagem que os educandos da EJA enfrentam no município, citados pelos professores, como a leitura e a escrita está relacionado a outros fatores já mencionados. Essas dificuldades de aprendizagem refletem o insucesso da EJA no município, pois quando o educando não vê significado na escola ou não está aprendendo, ele acaba interrompendo o processo de formação escolar.

QUADRO 04 ÁREAS DE DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DOS EDUCANDOS– RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROF 01	Na leitura e na interpretação de textos.
PROF 02	Estão relacionadas aos problemas de saúde, familiares, de memória e de leitura e escrita.
PROF 03	São bastante, principalmente os que estão alfabetizando. A principal dificuldade é a interpretação.
PROF 04	Grande dificuldade na turma, principalmente na leitura e na interpretação.
PROF 05	Devido a falta de hábito da leitura e do tempo.
PROF 06	Nas atividades de leitura, de interpretação e produção textual. Percebe que os educandos têm facilidade para debater sobre um tema, mas na hora de escrever têm dificuldades.

Fonte: Entrevista com professores da EJA município de Carinhanha - BA

Cagliari (1989) diz que “escrever é também uma forma de expressão artística

e até um passatempo. E que ninguém escreve ou lê, sem motivação, mas não basta saber escrever. É preciso ter uma motivação e incentivo para isso”. Nossa hipótese é que os professores precisariam estar melhor preparados para atuar no contexto da sala de aula, promovendo uma leitura de forma criativa e prazerosa, despertando no educando o gosto e o prazer de ler e escrever.

O motivo das dificuldades de aprendizagem dos educandos da EJA como podemos ver no quadro 5 é o tempo, muitos educandos ficaram muito tempo fora da escola, o que os prejudica para poder acompanhar as aulas como a falta de tempo para estudar é outro fator que dificulta aprender, o que obrigaria aos professores otimizarem o tempo da sala de aula para conseguirem motivar os educandos, principalmente aqueles que dizem não gostar de ler.

QUADRO 05 MOTIVOS DAS DIFICULDADES DOS EDUCANDOS – RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROF 01	Pela resistência em ler, alegando a falta de tempo ou mesmo que não gostam de leitura.
PROF 02	Por estarem muito tempo fora da escola, pela infrequência, a falta de tempo, ou mesmo, que não gostam de leitura.
PROF 03	É o fato do educando não ler corretamente e para os que leem é a falta de leitura.
PROF 04	A falta de tempo é gerada pelo trabalho do dia a dia, a má alfabetização e os problemas de visão.
PROF 05	O tempo que o educando ficou fora da escola, dificulta o acompanhamento e a aprendizagem.
PROF 06	Devido o tempo que fica fora da escola e também por causa de sua rotina exaustiva do trabalho.

Fonte: Entrevista com professores da EJA município de Carinhanha - BA

Para superar essas dificuldades, as estratégias que os professores utilizam são: letras de músicas, recorte de revistas, alfabeto móvel mas a base das aulas

são os livros didáticos. Alguns professores promovem em suas aulas algumas atividades como rodas de leitura, trabalhos em grupo e produção de textos diversos. Eles acreditam que tais estratégias ajudam envolver o educando na aula programada, mas que não são suficientes.

QUADRO 06 SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES – RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROF 01	Muita leitura de livros literários, letras de músicas, que cantando eles fazem boas análises da letra. Também utiliza dinâmicas relacionadas com o conteúdo trabalhado.
PROF 02	Usa os poucos recursos que existem na escola como, livros didáticos, recorte de revistas, alfabeto móvel, ou buscando metodologias diversificadas, mesmo que precisa investir nos mesmos, tirando do bolso.
PROF 03	Procura alfabetizá-los através de textos e de mais leituras das atividades.
PROF 04	Orientando-os com palestras e com a prática do dia. Também tenta desenvolver um trabalho, usando os poucos recursos que existem na escola, ou buscando metodologias diversificadas, mesmo que seja preciso investir do bolso.
PROF 05	Através da leitura e da oralidade.
PROF 06	Através da leitura e da interpretação de pequenos textos e produção textual coletiva.

Fonte: Entrevista com professores da EJA município de Carinhanha – BA

Alguns professores consideram importante que os educandos da EJA participassem dos projetos propostos pela escola para que pudessem sentir-se parte da instituição onde estuda, uma vez que dificilmente participam na programação da escola. Muitas vezes a escola realiza atividades multidisciplinares, oficinas e os educandos da EJA ficam de fora. Às vezes, eles mesmos se excluem, alegando falta de tempo para tais atividades. Muitos educandos da EJA acreditam

que só escrever é o bastante. Outro aspecto relevante apontado para o sucesso da EJA foi a sugestão de uma parceria entre a secretaria de educação e a de saúde, pois, muitos educandos reclamam que não consegue ler e escrever direito por conta de problemas na visão.

Conforme as resposta dos professores no quadro 7, podemos observar que os professores tem buscado alternativa para sanar as dificuldades dos educandos como diversificar as aulas como mencionaram os professores 5 e 6 ou fazer roda de conversa como faz o professor 2.

QUADRO 07 ESTRATÉGIAS PARA DIMINUIR OU SANAR AS DIFICULDADES – RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROF 01	Antes da atividade proposta, gosta de debater o assunto, seja texto reflexivo, ou mesmo o conteúdo programático. Roda de leitura, trabalhos em grupo e produção de textos diversos.
PROF 02	Faz uma retomada dos conteúdos anteriores para atender esses educandos com mais dificuldades.
PROF 03	Realiza leitura oral e compartilhada pelos educandos, de todas as atividades propostas, de pesquisas e relatos.
PROF 04	Procura mostrar o exemplo de pessoas que venceram essas dificuldades, com a força de vontade e o querer.
PROF 05	Tenta diversificar as aulas para que os educandos gostem mais.
PROF 06	Tenta diversificar as aulas, para chamar a atenção dos educandos, incentivando a participação dos mesmos.

Fonte: Entrevista com professores da EJA município de Carinhanha - BA

Apesar dos esforços dos professores, observamos nas respostas dos professores apresentadas no quadro 8 que quatro professores acreditam que suas estratégias de ensino na EJA não são suficientes; apenas dois professores consideraram que as suas estratégias estão sendo suficientes para atrair a atenção dos educandos mas de acordo com as nossas observações em sala de aula e analisando o índice de interrupção dos estudos nas turmas deles, percebemos uma contradição na percepção desses professores, talvez essas estratégias não

colaborem para o processo de aprendizagem desses educandos em vista que o número de desistência foi muito grande em 2012.

QUADRO 08 VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS – RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROF 01	Acredita que não são suficientes pois os educandos da EJA só realizam as atividades na sala de aula; quando ela solicita uma pesquisa de campo ou outra atividade extraclasse, a maioria não realiza.
PROF 02	Acha que são suficientes pois percebe o rendimento dos educandos.
PROF 03	Não são suficientes, mas na medida do possível tem dado certo.
PROF 04	São suficientes, porque os educandos escutam e sentem de verdade que o quer fazer, ajuda a vencer os obstáculos por maiores que sejam.
PROF 05	Não acha que são suficientes, mas minimiza as dificuldades apresentadas pelos educandos.
PROF 06	Acha que não são suficientes, mas registra que as mesmas minimiza as dificuldades apresentadas pelos educandos.

Fonte: Entrevista com professores da EJA município de Carinhanha - BA

A professora 1 comentou que os educandos da EJA só realizam as atividades na sala de aula, quando ela sugere uma pesquisa de campo ou outra atividade fora da sala, eles dificilmente conseguem realizar. Não adianta os professores quererem sugerir atividades extraclasse porque o educando não disponibiliza de tempo como já foi mencionado anteriormente.

Nós acreditamos que qualquer estratégia deveria partir da realidade do educando, como afirma Freire (1996) o educando deve ser sujeito e não objeto do processo educativo, para isso, é necessário partir da realidade do educando para que promova a aprendizagem de forma dialógica:

A relação entre professor e educando: em vez de adotar uma relação vertical, em que impõe sua visão de mundo, o professor assume uma posição horizontal, de igualdade, favorecendo o diálogo entre sua visão de mundo e a do educando, problematizando a realidade e se problematizando. Nessa troca, com esse diálogo é que se efetiva o conhecimento (BRASIL, MEC, 2002, p. 97).

Para os professores existem algumas alternativas para que a aprendizagem do educando da EJA seja satisfatório como mostramos no quadro 9.

**QUADRO 09 ALTERNATIVAS PARA ALCANÇAR OS OBJETIVOS DA EJA–
RESPOSTAS DOS PROFESSORES**

PROF 01	Que os educandos participassem dos projetos propostos pela escola e sentir como parte da instituição onde estuda.
PROF 02	Não deixar faltar recursos para as aulas, como por exemplo, o livro didático para que os educandos não se sintam excluídos.
PROF 03	Estar matriculado na série, ou seja, no segmento de acordo com sua capacidade.
PROF 04	O incentivo, pois assim eles se veem capazes de aprender e de realizar os seus sonhos.
PROF 05	Não respondeu.
PROF 06	Além do professor ter que se esforçar muito no processo de ensino aprendizagem, acha relevante ter uma parceria entre a Secretaria de Educação e de Saúde, pois muitos educandos reclamam que não consegue ler e escrever direito por causa de problemas nas vistas, alguns não tem condições de fazer exame de vistas e comprar os óculos.

Fonte: Entrevista com professores da EJA município de Carinhanha - BA

Nos chamou a atenção o comentário da professora 1 sobre a necessidade de participação dos educandos nos projetos propostos pela escola para que eles sintam-se parte da escola, talvez isso se deva ao fato que a EJA não está sendo trabalhada na perspectiva da inclusão, uma vez que a EJA ainda é vista como um programa nas escolas de Carinhanha e não como uma modalidade de ensino, contrariando a Resolução nº 3/2010 CNE/CEB:

A Educação de Jovens e Adultos e o ensino regular sequencial para os adolescentes com defasagem idade-série devem estar inseridos na concepção de escola unitária e politécnica, garantindo a integração dessas facetas educacionais em todo seu percurso escolar, como consignado nos artigos 39 e 40 da Lei nº 9.394/96 e na Lei nº 11.741/2008, com a ampliação de experiências tais como os programas PROEJA e ProJovem e com o incentivo institucional para a adoção de novas experiências pedagógicas, promovendo tanto a Educação Profissional quanto a elevação dos níveis de escolaridade dos trabalhadores (Resolução nº 3/2010 CNE/CEB, art. 12).

Na proposta curricular da EJA, a educação de jovens e adultos é parte integrante do projeto educativo da escola em que se insere, desse modo, não pode ser tratada como “inquilina” do espaço escolar. Dialogando com os professores, percebimos que a escola ainda não leva em conta o PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos) como parte do currículo da escola.

Outra sugestão apontada pelo professor 2 é não deixar faltar recursos para as aulas, por exemplo, o livro didático, para que os educandos não se sintam excluídos, mais uma vez na fala dos professores percebemos que há uma exclusão dos educandos da EJA, ou seja, os educandos são tratados de forma diferenciada do educando na série regular. É claro que a educação de jovens e adultos possuem características específicas, pois suas experiências pessoais, bem como sua participação social, não são iguais os de uma criança, mas o educando da EJA também faz parte do corpo da escola.

O professor 3 citou que o educando precisa estar na série de acordo com sua capacidade, o que nos faz acreditar que há uma fragilidade na avaliação. Pois avaliação serve para identificar o quanto o educando aprendeu. Segundo Luckesi, a avaliação da aprendizagem:

[...] tem por objetivo auxiliar o educando, o seu crescimento e por isso mesmo, na sua integração consigo mesmo, ajudando-o na apropriação dos conteúdos significativos (conhecimentos, habilidades, hábitos, convicções). A avaliação aqui apresenta-se como meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de si mesmo como sujeito existencial e como cidadão (2006, p.174).

Neste sentido, é necessário que a escola reveja sua forma de avaliar, pois assim será possível evitar alguns problemas, como aprovação daquele que não está devidamente preparado para avançar, ou a reprovação daquele que realmente está apto a seguir em frente. Considerando que a avaliação é processo contínuo e não se restringe somente ao processo escrito.

A professora 4 considera que é necessário incentivá-los mais, pois assim eles se veem capazes de aprender e de realizar os seus sonhos. Diante do

questionamento da professora podemos perceber que esta modalidade de ensino na escola não tem feito um trabalho de incentivo aos educandos. O educando da EJA não se sente motivado a dar continuidade aos estudos.

O professor 6 destaca que além do professor ter que se esforçar muito no processo de ensino aprendizagem, ele acha relevante ter uma parceria entre a Secretaria de Educação e de Saúde, pois muitos educandos reclamam que não conseguem ler e escrever direito por causa de problemas nas vistas, alguns não tem condições de fazer exame de vistas e comprar os óculos; sem dúvida que este é um grande problema entre os educandos mais idosos. Sendo assim é necessário que se repense o projeto educativo da escola, observando as individualidades dos educandos, incluindo-os como parte da escola. É necessário criar parcerias com outras secretarias para atender o público da EJA com qualidade.

O relacionamento dos educandos também é um diferencial na EJA, concordamos com Veiga (2006, p.24) apud MATOS (2013) que “para o professor concretizar seu ato de ensinar de forma satisfatória, o vínculo afetivo é uma dimensão indispensável, uma vez que as emoções, interesses pessoais, sonhos permeiam toda a relação pedagógica”; essa concepção esteve presente em todos os relatos dos professores. Segundo eles, o relacionamento com os educandos é tranquilo, de muito respeito e amizade, como são pessoas adultas e idosas, eles tem muito respeito.

QUADRO 10 RELACIONAMENTO COM OS EDUCANDOS– RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROF 01	É de total respeito.
PROF 02	Tem um relacionamento tranquilo, de muito respeito e amizade.
PROF 03	Tem um relacionamento amigável com seus educandos.
PROF 04	É o melhor possível, dar atenção a todos e diz existir entre eles muita consideração.
PROF 05	Confidente e conselheira
PROF 06	É de respeito e admiração, pois a maioria são adultos e idosos.

Fonte: Entrevista com professores da EJA município de Carinhanha - BA

De acordo com Hernandez (1998, P.61), “aproximar-se da identidade dos educandos e favorecer a construção da subjetividade, longe de um prisma paternalista, gerencial ou psicologista, o que implica considerar que a função da escola NÃO É apenas ensinar conteúdos, nem vincular a instrução com a aprendizagem”, mas criar uma relação de mútuo respeito e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que existe uma contradição entre a fala e a prática dos professores, porque a maioria disse que trabalham de acordo a realidade dos educandos de forma multidisciplinar, mas na observação realizada em sala de aula, nas conversas com os gestores escolares e a partir dos dados obtidos na secretaria das escolas, verificamos dados alarmantes de desistência dos educandos da EJA nas três escolas estudadas. Observamos que as escolas no município precisam ter condições objetivas para propiciar a volta dos jovens, adultos e idosos ao sistema educacional, pois os educandos, na condição de “não-crianças”, têm expectativas claras quando retornam aos bancos escolares, para isso, é preciso uma articulação dos saberes "oficiais" aos universos culturais dos mesmos, trazendo as vozes dos sujeitos e suas identidades culturais para o centro do processo pedagógico.

Muitos educandos apresentam desmotivação para leitura e escrita e falta de tempo para as atividades extraclasse porque eles não têm tempo para estudar devido ao trabalho. Esse ponto nos chama atenção sobre a necessidade de pensarmos sobre a exploração da mão-de-obra a que jovens e adultos trabalhadores de camadas populares estão submetidos no mercado de trabalho, no que diz respeito a cargas horárias extensas, à baixa remuneração, ao esforço físico despendido que são condições que dificultam a permanência na escola.

Para superar as dificuldades apresentadas pelos educandos na EJA, os professores utilizam várias estratégias, como por exemplo, a leitura de livros literários, o uso de letras de músicas, recortes de revistas e o alfabeto móvel; mesmo com esses recursos, as dificuldades dos educandos continuam, levando-os a reprovação e/ou evasão dos educandos.

Outra dificuldade apontada pelos professores é a falta de acompanhamento pedagógico, pois nas escolas não possui um coordenador para acompanhar os professores nessa modalidade de ensino, além disso, falta recursos didáticos pedagógicos; a infraestrutura é precária nas escolas; falta de apoio da Secretaria Municipal de Educação e parceria com outras secretarias e organizações não-governamentais e a falta formação continuada para os professores. A formação de professores e gestores que atuam na EJA é um grande desafio no Brasil porque isso

requer também a inclusão dos sujeitos de EJA nas tomadas de decisão no que se refere à organização de currículos, às estratégias de acesso e permanência e à qualidade da educação ofertada nesse sistema.

Sem dúvida que a EJA precisa de uma maior atenção, principalmente por parte do órgão responsável por essa modalidade no município que é a Secretaria Municipal de Educação, posto que a EJA no município de Carinhanha, apesar de ser regulamentada pelo Parecer nº 05/2009 que a institui como ensino fundamental, continua ainda como programa, por este motivo, os educandos dessa modalidade não são incluídos nos projetos escolares.

Percebemos também que a Educação de Jovens e Adultos cresceu em importância nos últimos anos no Brasil com a criação de leis para a inclusão da EJA como modalidade de ensino que perpassa o ensino fundamental e médio, mas ainda verificamos que é necessário avançar mais no sentido de garantir a permanência do educando na escola. Acreditamos que as questões analisadas na presente monografia demonstraram a necessidade urgente de revisão da proposta da EJA no município de Carinhanha-Bahia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBACHE, Ana Paula. A Formação de educadores de pessoas jovens e adultos numa perspectiva multicultural crítica. Rio de Janeiro: Papel & Virtual, 2001.

BRASIL. Políticas sociais:acompanhamento e análise, Brasília:Ipea, v.1, 2013.

BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.

BRASIL. Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular - 1º segmento / coordenação e texto final (de) Vera Maria Masagão Ribeiro; São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série, introdução / Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

BRASIL. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e adultos. Brasília, Agosto, 2007. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_fundamental_ok.pdf

BRASIL. Documento Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA, Brasília:MEC, setembro 2008.

BRASIL, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. É bom aprender Educação de Jovens e Adultos. São Paulo: FTD, 1ª edição. 2009.

BRASIL. MEC. Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Resolução nº 3, de 15 de junho de 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. A escrita. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 1989.

CONAE. Conferência Nacional de Educação (documento). Fórum Nacional de Educação. Brasília:Ministério da Educação, Secretaria Executiva Adjunta, 2013.

CORREIA, Luís de Miranda & MARTINS, Ana Paula, Dificuldade de Aprendizagem, Que são? Como entendê-las? Biblioteca Digital. Coleção Educação. Porto Editora, 2013. Disponível em http://someeducacional.com.br/apz/dificuldade_de_aprendizagem/DificuldadeAprendizagem.pdf

FREIRE, Paulo. A Importância do ato de ler: em 3 artigos que se completam. São Paulo: Cortez. 1989.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KLEIN, Lígia Regina. Alfabetização de Jovens e Adultos: questões e propostas para a prática pedagógica na perspectiva histórica. Brasília: Universa, 2003.

LAJOLO, Maria. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Atlas, 1999.

LIBÂNEO, Jose Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994. Disponível em: <http://www.ngd.ufsc.br/files/2012/04/Pr%C3%A1ticaEducativaPedagogiaDid%C3%A1tica-Texto-.pdf> Acesso em 11/01/2014

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem Escolar. São Paulo: Cortez, 1995.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MELLO, Rosângela M. Tecnologia da Educação. 2004.

MOURA, Maria da Glória Carvalho. Educação de Jovens e Adultos: *Que educação é essa?* in Linguagens, Educação e Sociedade Teresina, Ano 12, n. 16, p. 51-64, jan./jun. 2007. Normas para memorial. Disponível em: www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/proesf-normas-memorial.doc Acesso em: setembro 2013.

NICOLESCU, Basarab, et alii, Educação e Transdisciplinaridade. UNESCO, USP/Escola do Futuro, CESP, 2000. Acesso <http://forumeja.org.br/df/?q=node/1848>

OLIVEIRA, M. K. Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.

Revista Brasileira de Educação. V. 12. São Paulo, 1999

PAES, Sabrina e Lopes, Jurema Rosa. Expectativas de escolarização dos professores da educação de jovens e adultos e suas repercussões na prática educativa. Disponível em <http://www.seeja.com.br/Trabalhos/22>

PORCARO, Rosa Cristina. A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. 10/2013 acesso em http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CARINHANHA, Proposta Pedagógica do Município, SME – CNN, 2011.

SOARES, Magda Becker. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOGLIA, Ivoneide Sales e Santos, Cleide Selma Pereira dos. Educação de Jovens e Adultos: Expectativas e Dificuldades. Disponível em <http://www.uesb.br/eventos/semanapedagogia/anais/60CO.pdf>.

SOUZA, Maria Antônia de. Educação de jovens e adultos. Curitiba: Ibpex, 2007.

ANEXO

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DA EJA

- 1 – Há quanto tempo você leciona na EJA?
- 2 – Atualmente você leciona em qual série?
- 3 -Quantos educandos estão matriculados na série que leciona?
- 4- Quantos são frequentes?
- 5- Dos que estão frequentando as aulas quantos são do sexo feminino e do sexo masculino?
- 6- Qual a idade deles?
- 7 - Quais as dificuldades encontradas na prática profissional da EJA?
- 8 - Quais recursos didáticos você utiliza na EJA?
- 9 - Qual o seu método de ensino?
- 10 - Como é o seu relacionamento com seus educandos?
- 11– Você percebe dificuldades de aprendizagens dos educandos?
- 12 – Se sim, quais são essas dificuldades?
- 13 – Por que você acha que os educandos apresentam essas dificuldades?
- 14 – Como você trabalha pedagogicamente essas dificuldades?
- 15- Quais estratégias você utiliza para minimizar essas dificuldades ou saná-las?
- 16 – Você acha essas estratégias suficientes? Por que?
- 17 – Quais outras questões relevantes que você acha importante para que os educandos alcancem os objetivos propostos da EJA?

3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

O curso de pedagogia viabiliza a formação de profissionais da educação para atuar em contextos escolares e não-escolares. Abrem-se assim, diferentes perspectivas de atuação do pedagogo e amplia-se a importância e a necessidade da intervenção ativa e consciente desses profissionais no âmbito das práticas socioculturais desenvolvidas, tendo em vista que processos pedagógicos informais estão sempre implícitos nas práticas efetivas no plano coletivo e comunitário.

As minhas perspectivas no campo da pedagogia é continuar atuando no contexto escolar, como professora que é o que gosto de fazer, pois o pedagogo pode fazer a diferença, para ele não basta “interpretar o mundo de diversas formas; o que importa é muda-lo”. Diante dos conhecimentos que estou tendo no curso, espero exercer de forma satisfatória as minhas funções, trabalhando de forma determinada, para que eu possa identificar a realidade de cada problema, solucionando-o de maneira favorável e buscando estudar novos métodos de ensino, estar sempre em estado de motivação, inovação e aquisição de conhecimento.